



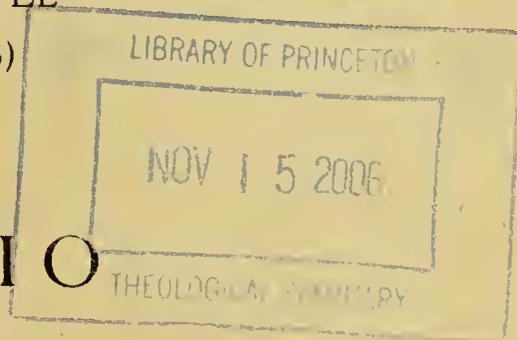
Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

REVISTA INTERNACIONAL LAP DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



O Culto dos Mortos	<i>Cairbar Schutel</i>
A Mulher na Antiguidade e na Igreja Serões Bíblicos — III	<i>Mário Cavalcanti de Mello</i>
Os Fatos Provam	<i>Luiz Caramaschi</i>
A Bíblia Sagrada	<i>Aleixo Victor Magaldi</i>
Os Médiuns	<i>Philemon</i>
O Espiritismo no pensamento de an- tigos Padres	<i>v. lirenedo</i>
A Tese Reencarnacionista pela Ciência Diários de Leopoldo Machado	<i>Delfino Ferreira</i>
Compreendendo a relatividade de an- tigas verdades absolutas	<i>V. O. Casella</i>
Luz, Senhor, por Misericórdia...	<i>Leopoldo Machado</i>
Milhões e Nada	<i>Irmão Saulo</i>
Crônica Estrangeira	<i>E. K. Taves</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Domério de Oliveira</i>
	<i>Redação</i>
	<i>Redação</i>

**Obras mediúnicas recebidas pelo
médiun Francisco C. Xavier**

Brasil, Coração do Mundo

Evolução em dois mundos

Caminho, Verdade e Vida

Parnaso de Além-Túmulo

Instruções Psicofônicas

Religião dos Espíritos

Cartas de uma morta

A Caminho da Luz

Pensamento e Vida

Novas Mensagens

Contos e Apólogos

Pontos e Contos

Perolas do Além

Falando à Terra

Os Mensageiros

Gotas de Luz

O Consolador

Luz Acima

Fonte Viva

Ave Cristo

Emanuel

Voltei

Roteiro

Renúncia

Pai Nosso

Boa Nova

Nosso Lar

Libertação

Jesus no Lar

Agenda Cristã

Vinha de Luz

Ação e Reação

50 Anos Depois

Lázaro Redivivo

Há dois mil anos

Paulo e Estevam

No Mundo Maior

Missionários da Luz

Cartilha da Natureza

Vozes do Grande Além

Entre a Terra e o Céu

Obreiros da Vida Eterna

Crônicas de Além-Túmulo

Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Natal dos Pobres

Prezado irmão: Saúde e paz em Jesus.

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, 25 de Dezembro.

Nesse dia, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» procurará reunir, em sua sede, as famílias necessitadas e distribuirá entre as mesmas os donativos que os corações, bem formados lhes ofertarem por nosso intermédio, numa justa homenagem a Jesus que deu a sua vida em holocausto pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres amparados pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de proporcionar aos necessitados um alegre Natal, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas novas ou usadas, pois tudo concorrerá para aliviar e alegrar êsses corações que esperam de nossa parte o nosso concurso benfazejo.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhe retribua em saúde, paz, alegria de coração, um Feliz Natal e um Ano de 1961 cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, novembro de 1960

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca	Zélia Silveira Perche
D. Rosa Fonseca Fratine	Leonor da Cruz Jorge
Antoninha Perche Campêlo	Clotilde Cunha
Izabel Perche Camargo	Juraci Pedro
Leticia M. Olson	Claudeni Gonçalves
Anita Sampaio Miniucci	Cândida Gonçalves
Dirce R. Barbosa Mariani	Carmen Torres
Eliza Vanucci Machado	Jenny Perche Silveira

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1960 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O CULTO DOS MORTOS

Cairbar Schutel



culto dos «mortos» vem de tempos imemoriais. Os templos do Egito, os recintos da Galia, em Roma ou na Grecia, na China como na Índia, por todo o mundo o culto dos

«mortos» foi praticado de modo a acender na alma humana a châma da Imortalidade. Até nas áridas costas da África, os selvagens afirmam a sua crença na volta dos Espíritos, aos quais não cessam de prestar homenagens.

Para confirmar esta Verdade, basta rever as páginas do Evangelho, que relatam as aparições sucessivas de Jesus Cristo, durante 40 dias, não só aos Apóstolos, mas a mais de 500 pessoas, manifestações estas que são a base do Cristianismo. O próprio Cristo, acompanhado de três discípulos, evocou os espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor.

Não obstante as provas positivas que Jesus forneceu aos homens, a morte tem sido a esfinge devoradora das almas, uma pálida e fria perspectiva, o titan invencível e indecifrável enigma que tem preocupado os filósofos de todos os tempos. A morte tem sido considerada o maior inimigo do homem, o mais poderoso; tão poderoso que São Paulo, o doutor dos gentios, o enumerou como o último a ser vencido.

Tôdas as dificuldades foram vencidas pelo homem, mas até agora, ninguém ousou enfrentar a Morte; nem as ciências, nem as filosofias, nem as religiões.

Inúmeras são as descobertas da ciência, mas a Morte prevalece sem solução, ensombrando as gerações.

Mas aquilo que o homem não pôde fazer, Deus o fez. Vendo Deus a deficiência dos homens para resolver tão difícil problema, mandou revelar-lhes a Terceira Revelação para que êles compreendam a Vida — A Revelação Espírita — que é a mais pujante manifestação da graça divina que o homem pode receber.

A Morte não é o fim da Vida, mas sim a passagem de um plano a outro de existência.

Estas revelações comprovadas pelos fatos, inclusive a fotografia, nos vêm cercar da certeza da Imortalidade, assim como nos dão verdadeira consolação, pois, ficamos sabendo que nossos parentes e amigos continuam a viver em Outro Mundo, como se tivessem mudado para um outro país, donde poderemos receber suas notícias, pois a morte do corpo não extinguiu a sua existência. E mais ainda, estamos certos de nos encontrarmos com êles, ao passarmos também para o Outro Mundo.

Diversos videntes têm assistido o

transe da morte e verificado a saída do Espírito do corpo, sem que se dê a mudança da personalidade. O indivíduo permanece, na outra vida, com tôdas as aquisições, e se apresenta do outro lado do túmulo tal como era até o momento de para lá se passar: com os seus vícios ou suas virtudes; sua ignorância ou sua sabedoria.

As qualidades morais e espirituais pertencem ao Espírito e não ao corpo; e o próprio Espírito na Outra Vida, é revestido de um corpo, aparentemente igual ao que tinha na terra, porém mais leve e como que transparente, devido à matéria rarefeita que o compõe.

Em tôdas as épocas da história os Espíritos dos supostos mortos se manifestaram para poder provar aos vivos que perambulam nas trevas, a existência de uma outra vida. Escolhiam para teatro de suas manifestações as casas abandonadas, os palácios encantados, as estradas desertas.

Hoje êles estão por tôda parte; preferem as cidades, as metrópoles onde os sábios estudam e examinam os fenômenos, onde homens ilustres organizam sessões para verificar os fatos e onde se faz ouvir o retinir dos clarins, para chamar os homens à luz da Verdade.

Os fenômenos espíritas chegaram ao ponto de arrebatam milhões de homens de tôdas as classes sociais para as fileiras do Neo-Espiritismo, que vem promover a redenção da humanidade.

Não há negar, os «mortos» nos batem às portas para nos falar da Vida. Aquêles que nos precederam, voltam para nos ensinar o caminho, sustentar-

nos nas lutas, amparar-nos nas quedas, iluminar-nos e dizer que os horizontes da Vida não têm fim, que o túmulo não é o ponto final da existência. Suas palavras falam à alma e ao coração, vibram em nossa mente, exaltam o raciocínio, e fazem desaparecer a negação e a dúvida.

O Espiritismo, sancionando o nosso Culto aos supostos «mortos», vem também relembrar êsses fatos da história, para ainda mais acentuar a nossa convicção na sobrevivência humana.

O objetivo do Espiritismo é provar que os mortos vivem e êstes vos agradecem a lembrança que dêles tendes; e que as suas aparições e comunicações, constituem um pacto de amor com os entes queridos que deixaram a terra. Que a intérmina Estrada da Vida, prossegue além do túmulo, de etapa em etapa, de luz em luz, para as alturas, para a felicidade, para Deus!

Numa carta que me escreveu o eminente Professor Charles Richet, um dos maiores sábios contemporâneos, concluiu com a sábia sentença: *Mors janua vitæ*, «a morte é a porta da vida».

E eu rogo ao Sapientíssimo Senhor do Universo, que vivifique a nossa Fé, faça pairar sobre nós o Sol da Esperança, e derrame seus eflúvios santos sobre os nossos parentes e amigos que se acham para lá do véu, porque — *Mors janua vitæ* — «A morte é a porta da Vida».

(Respigado de uma conferência radiofônica de Cairbar Schutel—proferida em 1-11-1936).



Lembranças úteis



Não acuse os Espíritos desencarnados sofredores, pelos seus fracassos na luta. Repare o ritmo da própria vida, examine a receita e a despesa, suas ações e reações, seus modos e atitudes, seus compromissos e determinações, e reconhecerá que você tem a situação que procura e colhe exatamente o que semeia.

Não espere a morte para solucionar as questões da vida, nem alegue enfermidade ou velhice para desistir de aprender, porque estamos excessivamente distantes do céu. A sepultura não é uma cigana, cheia de promessas miraculosas, e sim uma porta mais larga de acesso à nossa própria consciência.

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

I

Três coisas prezamos sobremaneira na vida: as nossas convicções, a nossa família e os nossos amigos. A elas devemos ser reconhecido, porque têm amenizado muito os dissabores de nossa aprendizagem por este mundo de provas.

Os trabalhos que as duas últimas nos têm dado são coisas de somenos, contingências naturais que desaparecem com a mesma naturalidade com que nos chegam. Poucas decepções temos tido dos entes caros a quem tanto nos apegamos.

Já não dizemos o mesmo de nossas convicções, de nossas crenças, de vez em quando deturpadas pela pena dos sonhadores e dos místicos, para não falar dos fanáticos, eternos criadores de mistérios, em uma doutrina iluminada pelas luzes da razão. Ou, então, são os pseudos teólogos da Igreja de Roma que procuram empanar esta luz que o Espiritismo projeta sobre as consciências humanas. Depreciam os credos alheios, revela-os ao público como nocivos; deturpando, falseando, apresentam sua moral como duvidosa, envolvida pela peçonha da infâmia e não se lembram nunca de que a História aí está para reavivar a memória dos que vivem e estudam.

O silêncio seria muito cômodo para nós; mas, infelizmente, poucas são as vozes que se levantam em defesa da doutrina impiedosamente atacada. A impressão que se tem é que estamos naquele deserto de homens e de idéias a que um dia sabiamente aludiu Osvaldo Aranha.

Assim, enquanto o clero persistir em sua perseguição, sem quartel, ao Espiritismo, (mesmo contra a vontade de sua quinta coluna), encontrar-nos-á sempre pela frente e cada vez com mais disposição.

Deixemos, porém, de conjecturas. O homem é livre em suas atitudes.

Começemos a defender a nossa tese, isto é, aquela que o título acima

insinua. É um trabalho cansativo, porém, com a sua utilidade, uma vez que se fundamenta em provas históricas e incontestáveis.

Penetremos na velha Índia e vamos arrancar do Código ante-histórico de Manu algumas lições edificantes que, por certo, servirão de modelo em nossos dias:

«Uma bela mulher faz a alegria da casa, conserva o amor de seu marido e lhe dá filhos bem constituídos.

«Os homens que desejarem prosperar devem viver cheios de cuidados pelas mulheres de sua família, dar-lhes jóias, vestidos, e outros enfeites, para as festas particulares e e cerimônias religiosas.

«Em toda família em que o homem ame e se desvele por sua mulher e a mulher por seu marido, a felicidade está sempre assegurada.

«Quando uma mulher é feliz, toda a família o é igualmente.

É preciso convir que estamos remontando à mais alta antiguidade. Manu se perde na noite dos tempos ante-históricos da Índia e nenhum indianista ousa recusar-lhe o título de mais antigo legislador que apareceu no mundo.

L. Jacolliot colheu, pacientemente, ensinamentos de Christna, nos livros sagrados do Bramanismo:

«O homem é a força, a mulher é a beleza; ele é a razão, ela é a sabedoria que acalma; um não pode existir sem o outro, e é por isto que o Senhor os criou dois, para um único fim.

«O homem só se completa com a mulher e todo o homem que não se casa na idade viril, deve ser mal visto.

«O que despreza uma mulher, despreza sua mãe.

«O que é maldito por uma mulher, é maldito por Deus.

«As lágrimas das mulheres atraem o fogo sagrado sobre aquêles que a fazem derramar.

«Infelizes dos que se riem dos sofrimentos das mulheres. Deus rirá de suas preces.

«Os cânticos das mulheres são doces aos ouvidos do Senhor; os homens não devem nunca, se querem ser atendidos, a cantar, sem suas mulheres, louvores a Deus.

«As mulheres devem ser cercadas de cuidados e cumuladas de presentes, por todos os que desejem vida longa.

«A mulher virtuosa está isenta de qualquer purificação, pois, mesmo que os contatos sejam impuros, nunca fica maculada.

«Foi pela prece de uma mulher que o Criador perdoou aos homens; maldito seja o que não trouxe isto de memória».

Como é fácil observar, na Índia antiga, a mulher era colocada muito acima do homem.

Qual a situação da mulher no Egito antigo? C. Benedicte, adido ao museu do Louvre, diz que o testemunho que antigos autores encontram nos monumentos, prova que a mulher estava bem longe de ter no Egito antigo a situação inferior que lhe foi reservada no Egito moderno pelo Islamismo. A representação dos sepulcros, notadamente, são importantes na comprovação dêste assunto. Sabe-se que são estas representações que nos conservam a mais fiel imagem da vida privada nos mais recuados tempos no vale do Nilo.

A mulher era companheira do homem em seus prazeres, participava dos banquetes, onde encantava os convivas com sua beleza, sempre cuidada, pela graça de seus enfeites constituídos de grandes jóias e de flores, e enfim, com os seus cantos que acompanhava dedilhando o bandolim. Os quadros relativos à vida da família nô-la mostra colocada em pé de igualdade com o homem, sempre sentada a seu lado e tomando parte nas oferendas e na veneração dos filhos. Nada nos exames das legendas hieroglíficas destrói esta impressão. Aí vemos, com efeito, que a filiação se constitui tanto pelo homem

como pela mulher. Se se trata de uma mulher de sangue ilustre, tem-se o cuidado de intitulá-la sempre por «filha da senhora tal» e nunca pelo nome do pai. Nos palácios reais é a mulher que legitima o filho. O rebento nascido da principal espôsa tem superioridade sobre os irmãos nascidos de uma concubina. Os grandes sacerdotes de Amon só puderam suplantar definitivamente os reis Ramessides, legitimar a sua usurpação, casando com princêsas da antiga casa reinante. Uma outra prova da importância social da mulher é ainda o fato de ser ela considerada pela religião. Sacerdócios lhe eram reservados; muitas delas eram as musicistas daquele Deus do panteon egípcio.

A situação da mulher no Egito dos Faraós, diz J. Finot, em «Prejugé et Probleme des Sexes», choca-nos, ainda, hoje, por certas disposições que ultrapassam em exatidão, tudo o que nos legou o mundo greco-romano.

A mulher é antes de tudo igual ao homem. Ela dispõe livremente de sua fortuna e de sua pessoa. Herda em igualdade de condições com seus irmãos e esposa um marido de sua escolha. É respeitada até nos cortejos reais, pois os reis egípcios, como os dos Incas e do Peru, tinham a seu lado suas irmãs e suas rainhas. Estas últimas gozavam de tôdas as honras atribuídas à realeza. A irmã do rei, a grande espôsa, tinha sua residência particular, saía livremente do palácio e dividia o poder com seu irmão e marido. Ela ajudava o rei a fazer os sacrifícios religiosos, seguia-o nas procissões e o substitua nos negócios de Estado. A história egípcia conservou os nomes de várias viúvas regentes durante a minoridade do herdeiro. Elas exercem regularmente, até o reinado de Ptolomeu, o poder supremo.

O respeito todo particular que se dedica à mulher, o papel que esta desempenha na história dos Faraós, vêm em apôio desta tese, que sob a antiga organização que havia precedido a da época histórica, o Egito devia ter sido dividido em classes. A mulher se impõe, também, como parte dominante nas relações familiares e sociais.

Qualquer que seja a causa, a situação da mulher egípcia, antes da época greco-romana foi quase única na História. Tôdas as condições da vida

revertiam em seu proveito. É preciso render-nos à evidência de que o Egito dos Faraós acusa um estágio de civilização bem avançada.

Malgrado a poligamia adotada e praticada em larga escala, a mulher soube salvaguardar a sua independência e o respeito devido à sua personalidade. A «grande espôsa», isto é, a primeira mulher ou a mulher realmente legítima, parecia tolerar as concubinas de seu marido, salvaguardando seus

próprios direitos. Muitas vezes, no contrato de casamento, tomava suas precauções, prevendo as futuras concubinas. Estipulava-se uma multa em seu favor. Ela fazia com que fôsse hipotecada a fortuna global de seu marido. Caso o marido não cumprisse as cláusulas do contrato matrimonial, ficava arruinado. E assim, nesta sequência de facilidades em favor da mulher, fica evidenciado o alto pedestal em que os egípcios a colocavam.

Serões Bíblicos - III

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Filhos das trevas e Filhos da luz

Chilon — Não eram passados dois dias, depois de meu segundo encontro com o filósofo Árago, quando tornei ao seu telheiro, na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio das Minas; fôra isto ao entardecer, após o jantar. Êle não estava em casa, e sim no Rio das Minas, onde fôra buscar algumas lagostas dos covos. E, segundo a informação de dona Cornélia, espôsa de Árago, êste pretendia, naquela noite, passar sua rêde numa bôca ou baia do Mar de Itapitanguí, onde, prèviamente, jogara uns restos de comida. Pouco mais de trinta minutos eram passados, quando se começou a divisar a silhueta do pescador remando sua canoa na direção do rancho. Árago tornava do rio trazendo cinco belas e grandes lagostas, fora três tantos dêsses que deixara no viveiro, em lugar ignoto. Tanto que a canoa abicou em terra, já lhe fui ao encontro saudá-lo.

Árago — Olá! meu caro Chilon! Então outra vez por aqui!

Chilon—Sim, estou cumprindo minha promessa de vir consultar-vos sobre aquelas dificuldades bíblicas.

Árago — Está bem. Mas primeiro há de me esperar que passe a rêde no ceveiro. Eu e mais três companheiros iremos estender a rêde, e depois arrastá-la para a praia. Numa redada dessas nós pegamos trinta ou quarenta quilos de peixes, os quais repartimos entre os quatro. À noite dá sempre muito mandí, que, com suas farpas, embrulha e

prende a rêde. Esta é a causa de os pescadores profissionais não pescarem à noite.

Ao tempo que Árago dizia estas palavras, entregava as lagostas para dona Cornélia, continuando, em seguida: — Tenha a bondade de me esperar na minha sala que volto logo.

Fui para a sala em que Árago costumava escrever aproveitando a quietude do lugar, e ali me pus a ler qualquer coisa sob a luz intensa do lampião de gasolina.

Após duas horas, mais ou menos, chegava Árago com sua carga de peixes escolhidos. A rêde já tinha sido posta a secar, e os homens já se tinham retirado, com o quanto de peixes que lhes tocara na partilha.

Árago estava passando um dos seus fins-de-semana no continente, em companhia de dona Cornélia e de Anidra, a empregada doméstica. O telheiro possuía, como já ficou dito, quatro cômodos, sendo dois quartos, uma sala e uma cozinha.

Árago — Com que, então, queres que estudemos a velha Bíblia hoje hein!

Chilon—Sim. Eu vos proporia estudarmos a parábola do administrador infiel, inserta no Evangelho de São Lucas, capítulo 16. A primeira dificuldade está em que Cristo disse que «os filhos dêste mundo são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz». Logo, há duas categorias de homens, sendo uns filhos do mundo, e outros, filhos da luz?

Árago — Sim ; é o que está escrito.

Chilon — E como é que se entende isto ?

Árago — Também não sei ; mas te proponho seguirmos o método socrático que consiste em ir analisando a idéia, por meio da dialética, até que a verdade se desentranhe de nós mesmos, visto como o conhecimento das coisas está em nós, sepultado, se é que Sócrates está com a razão.

Chilon — Procedamos então assim.

Árago — Então tu me ajudarás, com responder as perguntas que te vou fazendo.

Chilon — De pleno acôrdo.

Árago — Antes de tudo vamos colher informações noutras partes da Bíblia, e noutras literaturas congêneres, para vermos que teria Cristo querido dizer com estas classificações de homens. Sabes tu acaso, como fazemos isto ?

Chilon — Penso que nestas coisas sou versado ; erudição não me falta. O que não sei é ligar os fatos formando um todo compreensível.

Árago — Fala pois do que sabes.

Chilon — No livro do Gêneses, 6, 2, está escrito : «Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres». Noutro passo, e é em S. Mateus 8, 11 e 12, diz Cristo que muitos virão do oriente e do ocidente e entrarão no reino dos céus, no passo que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores. A confirmação dêste ponto está no lugar em que Cristo diz aos filhos do reino por herança, mas não por merecimento : «Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos» (Mateus 21, 43). Interpretando a parábola do joio, diz Cristo que «a boa semente são os filhos do reino ; e o joio são filhos do maligno» (Mat. 13, 38). Negando auxílio à mulher de Cananéia, justificou Cristo sua recusa com declarar : «Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos» (Mat. 15, 26). E antes dissera que fôra enviado para «as ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mat. 15, 24). Donde vem agora que as duas espécies de homens são filhos de Israel e cachorrinhos.

Noutro passo, êstes filhos de Israel são nomeados por filhos de Jerusalém, comparados a pintainhos que Cristo, como faz a galinha, queria ajuntar debaixo de suas asas (Mat. 23, 37). A caminho do Gólgota, com a Cruz sôbre os ombros, dirige-se Cristo às mulheres que o pranteavam, chamando-as filhas de Jerusalém (Luc. 23, 28). Aos que amam a seus inimigos Jesus dá que são filhos do Altíssimo (Luc. 6, 35). Falando de Zaqueu, sentencia Cristo : (pois também êste é filho de Abraão (Luc. 19, 9). Igualmente chama filha de Abraão à mulher que Satanás tinha prêsas há dezoito anos (Luc. 13, 16). Mais : «Os filhos dêste mundo casam-se, e dão-se em casamento» (Luc. 20, 34). E pouco mais adiante chama Cristo aos que não estão sujeitos à morte, filhos de Deus ou filhos da ressurreição. (Luc. 20, 36). Diz S. João (1, 12) que os que recebem a Cristo, recebem o poder de serem feitos filhos de Deus. Esta distinção de filho e filho ressalta, nítida, quando os judeus alegam serem filhos de Abraão, ao que Cristo retruca, e dá o porquê, dizendo que são filhos do Diabo (João 8, 39 e 44.) Mais : «Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz» (João 12, 36). Referindo-se a Judas, chama-o a êle filho da perdição (João 17, 12).

— Estas são, ó Árago, as variantes que achei para filhos de Deus e filhos dos homens. Dizei-me agora o que tudo isto quer dizer ? onde a chave que abre êstes mistérios ?

Árago — Dificultuosa coisa me propuseste, Chilon ! Reunamos, todavia, primeiro, as expressões afins, para depois vermos como prosseguir. De uma parte poremos, como expressões equivalentes : filhos da luz, filhos de Deus, filhos do reino, os filhos (de pão dos filhos) filhos de Israel, filhos de Jerusalém, filhos do Altíssimo, filhos de Abraão. Eu reduziria tôdas estas designações a um denominador comum : ao de seres espiritualizados, quer dizer, aqueles que já deslocaram o eixo da vida da matéria para o espírito.

— Reunamos, igualmente, a um termo único, as especificações que representam o oposto disto : filhos dêste mundo, filhos dos homens, filhos do maligno, cachorrinhos, ovelhas perdidas, filhos do Diabo, filhos da perdição. Tudo isto

quer dizer *sêres materializados*, ou seja, aquêles que dormem o sono do espírito, na mais completa animalidade.

Chilon — Se me permitis, mestre, dar-vos-ia, para refôrço desta vossa tese, o ponto do homem néscio que dizia: — minha alma, come, bebe e regala-te, pois tens muitos bens em depósito para largos anos (Lucas, 12, 19).

Árago—Bravo, Chilon! Tu és um livro aberto. Como vês, o homem néscio estava tão materializado que cuidava que sua alma era corpo, e tanto que àquela mandava comer, beber e regalar-se, como se as provisões em depósito pudessem alimentá-la. E bem que mo lembraste que Cristo chama néscio a êste homem materializado, donde vem que o seu oposto, o homem espiritualizado, é o sábio. Logo, sabedoria nada tem a ver com ciência e erudição, e sim com virtude. Eis por que, tendo Salomão pedido um coração reto e justo, para julgar o povo (I Rs. 3, 9), que isto é ser virtuoso, Deus lhe dá sabedoria e tanta, que seria único sôbre a face da Terra, superando a todos os do passado, e sem segundo no futuro.

Chilon—Agora me lembra ter lido em Huberto Rohden que saber vem de sabor, de saborear, pelo que o santo sabe, porque saboreia, porque tem uma experiência mística, divina (Filosofia Universal, 2, 175). Mais: «O pecador é um homem *a-cósmico*, ou *anti-cósmico*—assim como o santo é o homem cósmico» (H. Rohden, Filosofia Universal, 1, 78). Ainda: «Segundo os socráticos, a *ignorância* é o grande *pecado* do homem—como o contrário da ignorância, a *sapiência*, é a grande *virtude* do homem». Donde vem que «o pecador é o ignorante—o santo é o sábio» (op. cit. 1, 65).

Árago— Pronto!... Homem espiritualizado, ou sábio é o santo. Homem animalizado, ou ignorante é o viciado, escravo do corpo e dos apetites grosseiros de sede corporal. O primeiro é o *filho da luz*, e o segundo, *filho das trevas*. Parte de nosso estudo está feito.

—Voltemos agora ao Gênese, prosseguiu Árago, que é por onde começamos, a fim de repararmos como é o texto. Aqui diz que «viram os *filhos de Deus* que as *filhas dos homens* eram formosas, e tomaram para si mulheres etc». E disse Deus: «Não contenderá o meu Espírito para sempre com o ho-

mem; porque êle também é carne»; (Gênese, 6, 3). Quer dizer que os *filhos de Deus* caíram na sensualidade, arrasados pela carne. Não é isso?

Chilon — Sim, exatamente.

Árago—E já havia, no comêço do mundo humano, aquêles que se poderiam chamar *homens espiritualizados*, e *homens materializados*?

Chilon—Esta é a consequência inexorável do que vem de trás.

Árago—Os homens materializados, sabemos serem terrícolas procedentes dos estágios inferiores da escala zoológica, porque disto nos dão conta as cinco provas da evolução a saber: as provas paleontológicas, as embriológicas, as anatômicas, as dos órgãos residuais e as sorológicas. Mas donde vieram êstes sêres superiores relativamente aos terráqueos, aos quais se podia chamar, com justiça, *filhos da luz*? Sabes tu de mais algum documento que clareie êste ponto escuro?

Chilon—O que só sei é o que conta Emmanuel no seu livro «A Caminho da Luz». Diz êle lá, no capítulo III da obra, que existe um sistema planetário, a 72 anos luz da Terra, na Constelação do Cocheiro, cuja estrêla se chama *Capra* ou *Capela*.

—Como ocorre hoje com a Terra, que está prestes a mudar de categoria, passando de planêta de expiação para planêta regenerador, também um orbe do sistema capelino ou caprino ia mudar de fase. Ora, como aqui, hoje, lá também os piores ocupavam o poder em todos os sentidos, encalhando a evolução da humanidade planetária. Urgia uma medida de saneamento, um juízo final, uma seleção de valores. E foi o que se deu irrovogavelmente, resultando que alguns milhões de espíritos fôsem exilados para nossa Terra sob a orientação e autoridade de Jesus Cristo. Êstes exilados formaram aqui, o que se chama raça adâmica que se subdividia em quatro grandes ramos que são: os arianos, os egípcios, os hindus e os hebreus. Eis o que nos relata Emmanuel em sua obra retrocitada.

Árago—Isto deve ser verdade, porque assim como há a evolução para os sêres e sociedades, deve haver também a dos mundos e sistemas. Se considerarmos como verdadeiros os relatos de

Emmanuel, o problema fica resolvido, pois êstes caprinos degredados são os *filhos da luz, filhos de Deus, sábios e espiritualizados*, se considerados em relação aos homídios terrestres que eram, então, os *filhos dêste mundo, cachorriños, e até filhos do diabo*, por causa da animalidade vitoriosa aliada à ignorância. O homem, nesta fase, conquanto esteja no pináculo da escala zoológica, é pinto ainda, relativamente à escala do saber e da virtude que inicia.

— E Cristo disse que o mordomo infiel agiu com mais sabedoria, para com a sua geração, do que os *filhos da luz*; quer dizer que êste terrícola mostrou-se mais sábio que os adâmicos.

Chilon—Mas em que consistiu esta sabedoria do mordomo? Poder-me-á, o mestre, explicar como é êste Adão, entendido como povo? como leva de espíritos degredados? Se Adão era povo, quem era Eva? quem, Caim?

A'rago—Acho que por hoje basta, pois as horas correram sem que nos apercebêssemos disso. A causa é por que nosso tempo se mediu, durante nossa conversa, por um outro sistema de referência que não o do movimento da Terra no seu eixo. Conquanto fôsse breve o tempo no reino do pensamento, mais próximo da imobilidade eterna, foi longo, no outro sistema, no mundo da matéria, onde o movimento da massa planetária marca o ritmo do seu transcorrer. Então, como a noite já vai alta, fica o resto para outro dia.

Chilon—E eu ficaria nêste discurso até o romper da manhã, se não fôsse isto abusar da vossa hospitalidade.

A'rago — Eu também era assim, quando mais moço. Depois descobri que os gregos estavam errados e que ao inverso do que êles afirmavam, a arte é breve, e a vida, longa; o saber é finito, e a vida, eterna. A vida é eterna por causa da continuidade das vidas; o saber é finito, porque nenhum ser poderá ir além do limite imposto pela sua fun-

ção. E do mesmo modo como uma célula do corpo humano não poderá saber; nunca, os desígnios do homem, também não conseguiremos, jamais, descobrir os desígnios de Deus.

Chilon—Logo, o saber de Deus é infinito, tendo caído, o mestre, em contradição, pois acaba de declarar, opondo-se à forma clássica, que a vida é longa, e a arte, breve, entendido que arte, aqui, significa sapiência.

A'rago—Falo relativamente à capacidade humana. A sabedoria é infinita, mas a capacidade humana é limitada; e onde estiver o limite aí a consciência para, não podendo ir além. Se o homem chegasse à onisciência seria como Deus. Isto equivale a dizer que se uma célula hepática conhecesse o que conhece o homem, ela seria homem, donde se segue que se um homem soubesse tudo o que sabe Deus, êsse homem seria Deus, visto que saber é ser.

— E assim como nem quero, nem posso assenhorear-me de tudo o que há no oceano, mas gozo o sondar-lhe pouco a pouco, também reconheço que serei eternamente insciente, no plano divino, conquanto possa vir a ser um sábio, no nível humano. E como a dialética se assemelha a pescaria, devo gozá-la, que nisto só consiste a alegria filosófica. Nada pois de pressa, mesmo porque ela é inimiga da perfeição. Lembra-te do que te disse há pouco: quando estamos situados no reino do pensamento e do espírito, cessa de existir o tempo que se mede por velocidades, e que tanto é mais curto, quanto maior é ela. Por isso, quem corre não tem tempo, visto como o aumentar da velocidade faz o tempo tender para zero. Para termos tempo preciso é não termos pressa, e pararmos, se preciso.

— Guarda, por conseguinte, tuas perguntas para outra ocasião. E já que pegas do chapéu e da capa para ires embora, eu te levarei, em minha canoa, até Cananéia, onde está o teu hotel.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Os Fatos Provam

Aleixo Victor Magaldi

O intercâmbio do mundo visível e do mundo invisível vem das eras pré-históricas.

As comunicações dos espíritos eram habituais nos tempos de Moisés. E tão freqüentes se tornaram, nesses tempos, que Moisés foi obrigado a proibir que seu povo invocasse os espíritos, porque seu povo geralmente os invocava a todos os momentos, a propósito de tudo e mesmo sem propósito nenhum, abusivamente.

A realidade das comunicações dos espíritos com os homens é um fato, histórico e incontestável. Negar que os espíritos se comunicam conosco é cometer uma heresia, é mentir desavergonhadamente ou atestar uma ignorância absoluta da história universal e da história religiosa.

Depois de termos feito, em artigos anteriores, ligeiras referências a fenômenos observados no seio da Igreja Romana, constantes dos seus próprios arquivos e relatos, apurados por bispos, cardeais e papas, vamos nos referir a alguns dos mais berrantes fenômenos inscritos nas páginas da História dos povos.

Desde o paganismo os homens usavam consultar os espíritos a respeito dos problemas que lhes afligiam. Sócrates e Rufino (Sócrates I, cap. 8, e Rufino I, cap. 5) contam que um tal Espiridião, pai de uma virgem chamada Irene, invocou o espírito desta à beira do seu sepulcro, para dêle saber onde estava um precioso depósito que o mesmo Espiridião lhe ordenou que guardasse. O espírito de Irene atendeu ao chamado de seu pai, que gritava à beira do túmulo o nome de sua filha (Lá está escrito no original: «eam ex-nomine clamitat»). A voz de Irene foi ouvida por seu pai, a responder-lhe: — «O que quereis, meu pai?» O pai retrucou-lhe: «O depósito...» E a voz de Irene replicou-lhe: «Sepultei-o» em tal lugar, citando com minudência o lugar. Voltando Espiridião à casa, encontrou o depósito no lugar indicado.

Fatos históricos constam da História Romana. Subtil. XI, relatados por

Dion e outros historiadores do mundo antigo.

Conta Dion que as erupções vulcânicas eram anunciadas, nêsse tempo, por meio de espectros e fantasmas; e que uma multidão de espíritos gigantes, soltando dolorosos gemidos, vagava pelas montanhas, pelo litoral, pelas cidades e povoados vizinhos das crateras dos vulcões, vindo pelos ares.

Quando sucedeu uma erupção do Vesúvio, no reinado de Tito Vespasiano, tão numerosos foram os fantasmas e tão violento foi o ruído de trombêtas, por êles provocado, que o povo, espavorido com êsse medonho espetáculo, julgou que era o fim do mundo. Foi um desses fantasmas quem revelou a Retórico Aristides que a cidade de Smirna seria destruída por um terremoto, tendo êsse filósofo acreditado no aviso e se retirado da cidade para o monte Athos, onde permaneceu até que se realizou a predição (Arist. Orat. Sacra.).

A mudança de nome de um dos fundadores de Roma deu-se em consequência de um fenômeno espirita. Próculo, um dos mais célebres homens desse tempo, contemporâneo dos gêmeos filhos da leôa, Remo e Rômulo, jurou ao povo romano que o espírito de Rômulo havia aparecido para êle, ordenando que não mais o chamassem de Rômulo e, sim, de Quirino. Verificada a realidade do fato, o povo passou a chamá-lo de Quirino e não de Rômulo (Antiquités, II, pág. 152).

Aulus Posthumius invocou os espíritos de Castor e Pollux, na batalha do Lago Regillo; e êstes se postaram à frente do exército romano, montados em cavalos brancos, conduzindo-o à vitória. Nêste caso, sucedeu ainda que os espíritos de Castor e Pollux, mal acabavam de comandar essa batalha vitoriosa, apresentaram-se em Roma, montados e armados como estavam, e anunciaram ao povo romano a vitória alcançada pelo seu exército. (Isso consta dos tratados seguintes: Dyonisio d'Halicarnasso; Antiquités, t. I, pág. 152; Le Bas, t. I, pág. 141 e Tito Livio, t. VII, pág. 180).

O general Pausanias, livro I, pág. 78, diz que a batalha de Marathon foi ganha porque os fantasmas de Theseo e Ecleteo marcharam na vanguarda dos gregos. Platão fala da manifestação do espírito de Euthymo; Pausanias, que mais tarde também se manifestou, fala da manifestação do de Milciades; Aristóteles, do de um herói de Lipara; Philostrato do de Achilles; Titus Livius, do de Artemidoro; Plutarcho, do de Pausanias; Tácito, do de Rufus.

Romanos, etruscos e gregos celebravam festas de finados em 2 de Fevereiro, 1 de Maio e 9 de Dezembro. Nesses 3 dias do ano, esses povos reuniam-se em determinados lugares e aí gritavam: — «Abra-se o abismo!» («Pateat mundus subterraneus!») como resa o original. E os espíritos logo se apresentavam à vista de todos. Davam-se a conhecer uns aos outros. Vivos e mortos entravam em palestra. E seguiam juntos, filhos com pais, parentes com parentes, amigos com amigos, para os respectivos

domicílios, onde festejavam os belos dias vividos em comum, recordando-se do passado. Ao redor das lareiras, os mortos ocupavam os lugares que lhes pertenciam, quando viviam na terra, há tanto tempo vagos; e comiam e se alegravam com os circunstantes, como se fôsem vivos de carne e osso.

Nos tempos atuais, a manifestação dos espíritos tornou-se um fenómeno banal, repetido por toda parte, de mil modos, pela incorporação, pela materialização, pela psicografia, pela voz e pela escrita diretas, pela telepatia, pela audição, etc., etc.

A mão de ferro da intolerância não pode mais sufocar o formoso entendimento entre os habitantes da Terra e do Espaço, e o nosso mundo caminha mais ligeiro para sua espiritualização. O Espiritismo é a maior força propulsora dessa espiritualização. Negá-lo é o mesmo que desejar tapar o Sol com uma peneira.

Novembro de 1959

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— II —

«Deus não contou com a nossa cooperação para criar-nos, mas não nos salvará sem a nossa colaboração», predicava Santo Agostinho, com toda propriedade e bom discernimento (*Qui creavit te, sine te, non salvabit te, sine te*).

O mesmo conceito pode aplicar-se às santas escrituras, entendendo-se que Deus não contou com a nossa cooperação ao determinar que fôsem elas escritas, mas não nos pode fazê-las entender sem a nossa cooperação, sem a nossa boa vontade e sem a nossa perfeita isenção de ânimo em bem interpretá-las, mediante a divina inspiração que o Pai sabe como facultar aos seus filhos bem intencionados.

Tôda a nossa cultura, tôdas as nossas virtudes, constituem excelente veículo através do qual nos chega ao entendimento a iluminação necessária para a boa compreensão das santas escrituras. Agora, o que não se pode é, sem esses requisitos, tentar uma exegética dos tex-

tos que a pátina do tempo, tornando-os mais respeitáveis, envolveu naturalmente em formas verbais, a que não se acha acostumado o homem moderno...

Ocorre-nos isso desde o primeiro livro de Moisés, chamado GÊNESIS: «No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz: e houve luz. E viu Deus que era boa a luz: e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro». (GÊNESIS, cap. I — vers. 1 a 5).

É uma forma ingênua e simples, repassada de poesia e de sentimento de adoração ao Criador, essa em que está vasada a descrição da origem do Universo infinito e da nossa pequenina Terra, nesse infinito Universo compreendida: «No princípio criou Deus os céus e

a Terra» (*Deus creavit cœlum et terram*). A precedência de céus na proposição inicial do Gênesis, indica a sabedoria da inspiração escriturística, designando a criação do Infinito Universo antes da criação do pequeno geóide planetário em cujo verdejante bôjo nos é permitido fazer uma interessante excursão pelos campos do Infinito, marchetados de estrêlas que à noite podemos bem apreciar, pois que durante o dia são elas ofuscadas pela fulgurante luz do sol. E bem podia ter sido alterada a colocação dêsses vocábulos, dada aquela disposição de espírito da época de Moisés, em que prevaleciam as doutrinas depóis chamadas de Ptolomeu, isto é, da predominância que era atribuída à terra, como centro que se julgava ser do Universo.

Entretanto, a inspiração divina se fez sentir de modo a que jamais faltasse à proposição inicial do Gênesis o sabor da verdade, que lhe é incontestável.

A respeito dos CÉUS, na significação de Infinito Universo, que lhe é própria, restrição alguma é feita, nenhuma limitação de substância, de forma, etc., lhe podendo mesmo ser atribuída, como é intuitivo e lógico; ao passo que, relativamente à terra, o mesmo não ocorre, pois que esta, segundo o Gênesis, «era sem forma e vasia; e havia trevas sôbre a face do abismo...»

Que era sem forma e vasia, admite-o a análise retrospectiva que a Física, aplicada às ciências astronômicas, nos permite fazer dêsses distanciados evos que separam, no infinito do tempo, o estado atual do nosso planêta, da-quele que é justo atribuir-lhe, à época de sua remota separação da nebulosa a que pertence e cujo núcleo ainda se acha em estado de ignição total, em parte talvez líquido, em parte gasoso, com algum comêço de solidificação destituida de estabilidade. Êsse núcleo, como se sabe, é o SOL. Que, tempos depois de sua separação do sol, houvesse trevas sôbre a face da terra, considerada então como verdadeiro abismo, devido às tremendas convulsões de que certamente seria sede, em virtude do gradativo arrefecimento a que estava sendo submetida a sua estrutura cósmica, não há dúvida alguma, tendo em vista que tais convulsionamentos, elevando no ar os primeiros densos vapôres que se des-

prenderiam do geóide submetido ao resfriamento, engendrariam a formação de espessa atmosfera, através da qual não poderia escoar-se a luz do sol — o que é fácil supôr à vista do que ainda hoje ocorre nos dias de tempestade, em que o céu se recobre de nuvens opacas... Havia, portanto, como frisa tão justamente o Gênesis, trevas sôbre a face do abismo, nêsses primórdios milenários da solidificação da terra, em que «o Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas», para significar, mui procedentemente, de acôrdo com os dados das Ciências Naturais, que a Vida, que é certamente o Espírito de Deus, pois que ninguém a pode dar senão o Criador, teve início no seio das águas!

Por essa época, isto é, quando o Espírito de Deus (simbolicamente a Vida), já se manifestava sôbre a face das águas, vindo dos profundos abismos do oceano, onde primeiramente se deveria ter formado, para mover-se à face das águas, como o fazem tôdas as espécies aquícolas, teria começado a luz do sol a projetar-se, uma vez por outra, sôbre a superfície do planêta, por abertas que deveriam fazer-se na espessa atmosfera dos primeiros tempos do aparecimento da Vida. É o que a Bíblia quer significar naquela admirável expressão: «E disse Deus: Haja luz: e houve luz». E que era boa a luz, como a viu Deus, nós bem o sabemos, porque amamos a luz. Ora, só então pôde haver separação entre a luz e as trevas, por isso que anteriormente, devido à espessa atmosfera que envolvia o planêta, sômente noite, trevas sômente era o que existia à superfície da Terra! O mais é complementação literária bem compreensível: «E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro». Quem, senão Deus, nos ensinou a falar? Quem, senão Deus, portanto, é que pode ter dado nome a tôdas as coisas por Êle criadas? Que o tenha feito servindo-se dos dons que concedeu aos seus filhos, nada mais curial e lógico.

Tudo, nas Santas Escrituras, está de conformidade com o que hoje sabemos sôbre a Criação, consistindo apenas o nosso trabalho em bem interpretá-las.

Os Médiuns

v. lirenedo

DOS médiuns e do mediunismo quanto não se falou já e quanto não se falará ainda?! Capítulo extenso e fascinante do cristianismo redivivo que é o Espiritismo Cristão, médiuns intercambiando com os Espíritos do Além sempre os houve, que o mediunismo na Terra é velho quanto a humanidade. O que não sucedeu já e o que não sucederá ainda através do mediunismo? Coisas transcendentais, de importância capital para o orbe, para a humanidade tôda.

A mediunidade existe latente em todos nós, e no futuro também em todos será ela manifesta, ativa, fecunda. É um verdadeiro curso de atividade hominal-divinal que todos terão de fazer, uns mais cedo, outros mais tarde. E quem seriam estes médiuns esforçados, altruístas, e geralmente assim incompreendidos pelos próprios familiares, pelos parentes que lhes estranham até o moderamento alimentar, que ironizam, que zombam da abstinência mantida tempo afora por êsses medianeiros? Frequentemente a mediunidade amadurecida e ativa da atualidade tem muita ligação com a descrença de seus portadores, no pretérito, quanto à existência de Deus, quanto à paternidade de Deus no mundo e nos mundos, quanto à onipotência e oniscência e onipresença de Deus no mundo e nos mundos.

Sim. Integrando as seitas ou blocos iconoclastas de outrora, ou agindo isoladamente não havia homens e mulheres avêssos simplesmente às imagens místicas; paralelamente ao procedimento sistemático de destruir imagens e coisas tidas por sagradas, justapunham-se pre-

cisamente os que não acreditavam no próprio Deus e no Cristo. Não eram tais personagens apologistas de uma simples não-idolatria, de uma anti-idolatria, eram comumente ferrenhos ateístas e por isso mesmo anti-espiritualistas, materialistas literais infensos à idéia de ser divina a missão do Cristo na Terra. Tais incrédulos, quando cultos, ou com autoridade política, ou com influência social não ficavam no passivismo, êles combatiam de tôdas as maneiras a favor de suas idéias e teorias, faziam com que muitos os acompanhassem na descrença a Deus, na descrença ou desconfiança quanto à embaixada transcendente e redentora de Jesus Cristo. Êsses incrêus fomentavam e espalhavam a descrença.

Mas a imanente misericórdia do Pai Divino age de inúmeras formas para recuperar os que se tresmalharam. Pela lei de causa e efeito os que no pretérito espalharam, provocaram dispersão, agora ajuntam, recolhem, acatam e abrigam, labutam pela união... A mediunidade abençoada é farol que atrai, que chama para o agrupamento e para a elevação.

Os médiuns de hoje — homens e mulheres —, médiuns desenvolvidos, que são operosos, dedicados, humildes, muitas vêzes são criaturas que por qualquer motivo se mantiveram distanciados da crença e da fé. Agora o auxílio sempre preciso e sublime do Pai Divino e do Cristo dá-lhes oportunidade, através do mediunismo ativo, a que plantem o que não plantaram, a que replantem o que erradicaram. É mais: na mulher médium então, abnegada, ze-

losa no amor e pelo entendimento do próximo, inalterável à ingratidão do mundo, que vai em renúncias, em vigílias, nessa criatura há a emulação daquela Maria de Nazaré que para alentar o bem na Terra também conheceu a ingratidão, conheceu as renúncias e as vigílias, que

para alentar o bem na Terra resignou-se mesmo à amargura e à dor.

Que os médiuns, sem desfalecimento prossigam em seu caminho rumo à grande luz. Evangelho e mediunidade beneficiadora se integram, que o Cristo foi na Terra o médium de Deus.

O Espiritismo no pensamento de antigos Padres

Escreveu DELFINO FERREIRA

É surpreendente ao lermos os primitivos escritos dos Padres da Igreja, verificarmos que possuíam completamente o conhecimento e as práticas psíquicas.

(Conan Doyle: *El Espm.º — Su História.* — pág. 265. Ed. Schapire, B. Aires).

EM seu aspecto religioso o Espiritismo, não obstante envolver os problemas fundamentais de tôdas as religiões, delas difere, entretanto:—inteiramente, no que lhes é institucional, de vez não possuir dogmas humanos (não naturais, imposições de fé por escalões hierárquicos), nem ritos, templos, sacerdotes; — e, em parte, na compreensão do que lhes é essencial, substancial: Deus, a alma, a vida futura, a justiça divina, realidades e cogitações estas do pensamento humano, que encara menos religiosa do que filosoficamente, buscando causas e, sobretudo, colhendo efeitos e dêstes deduzindo conseqüências. Dêsse labor de investigação, dessa tenaz e apurada observação dos fenômenos da vida é que o Espiritismo tira diretrizes morais de conduta, visando tanto o futuro do espírito, do homem, quer em sua vida individual, quer em sociedade, como também o destino da Humanidade, o seu bem estar, a ordem em seu seio. Na apreciação daquelas conseqüências e observância daquelas diretrizes, todavia, o Espiritismo não se deixa envolver por normas e práticas que, afinal, quebrando a unidade da fé em Deus, desvir-

tuando mesmo êste sentimento natural, terminam por darem margem ao estabelecimento de tipos particulares de crenças, e de expressá-las, donde a quase infinita pluralidade de seitas, imprópriamente denominadas religiões, dado devermos considerar Religião, qual a Moral: algo singular, ímpar. De assim ser encarada a projeção do Espiritismo, resulta o conceito cardequiano de ser êle uma religião, sim, mas RELIGIÃO NÃO CONSTITUIDA, remontada ao tipo religioso vivido por Jesus, seguido pela igreja primitiva, a dos Apóstolos e seus seguidores imediatos, mas, por fim, aos poucos desvirtuada até afogar-se no dilúvio de imposições, dogmas, ritos, falseamentos de princípios evangélicos, etc., CONSTITUINDO-SE no que hoje se apresenta como RELIGIÃO CRISTÃ, ou simplesmente Cristianismo, sob várias denominações particularistas.

Vale a esta altura lembrar ser o Espiritismo uma Revelação operada através de fatos, fatos que se repetem pelo instrumento da mediunidade, em cujo campo Allan Kardec a soube colher e transmitir-nos. Vem disto que o Espiritismo, «como tem por objeto o estudo do ELEMENTO ESPIRITUAL em suas relações com o ELEMENTO MATERIAL, descobre na união dêstes dois princípios a razão de inumeráveis fatos até agora inexplicados». (Obras Póstumas, pág. 244, oitava ed. da F. E. B.), dispensando, entretanto, o apêlo ao sobrenatural, ao maravilhoso, ao milagre, bem como o recurso ao impedimento de se devassar os mistérios divinos, conquanto admita a inoportunidade, aliás

momentânea, de determinado conhecimento, ressaltada, todavia, a convicção de sua posse mais tarde, dado haver Jesus afirmado: «NADA HÁ OCULTO QUE NÃO VENHA A SER CONHECIDO» (Mc. 4:22; Lc. 8:17) o que por certo levou o Abade Alfonso Luiz Constant (Eliphaz Levi) a dizer: «O homem nada sabe mas é chamado a tudo conhecer».

Destarte, é que, espancando trevas, quebrando *tabús*, anulando razões de dogmas, o Espiritismo tem atraído sobre si, particularmente do mundo religioso, notadamente do cristão, por absurdo que o seja, a mais triste e deplorável campanha de descrédito, ao serviço da qual tudo se subverte, em ponto máximo, inclusive, como natural, a verdade, ainda que para tanto se faça mistér «ignorar», sepultar sob intencional silêncio, o que a respeito da verdade espiritual disseram e creram, no passado, autoridades religiosas veneradas ao seu tempo, ainda hoje revenciadas e só lembradas quando em seu renome se possam apoiar os «mestres» de hoje...

É o testemunho dêsses respeitáveis vultos que, em síntese, vamos apresentar neste desprezencioso trabalho quanto ao referente a princípios basilares do Espiritismo. É a palavra dêsses primeiros Padres da Igreja o seu aceite dêsses princípios, hoje, entretanto, negados por seus sucessores.

Vejamos por partes:

É princípio pacífico entre as crenças cristãs o da existência da alma humana. É ensino da Igreja a sua imortalidade, em função da qual lhe predica determinada situação após a morte do corpo: permanência eterna no inferno; idem no céu, via de regra precedida de trânsito mais ou menos longo pelo purgatório. Não nos propomos apreciar essa orientação, que envolve o velho problema da Justiça Divina, ao mesmo passo, pois, que o do Bem e do Mal, mas tão só estruturar caminho ao nosso plano de estudo, face à situação de atividade ou inatividade da alma nessa vida sem corpo carnal.

A igreja, negando do Espiritismo e ao Espiritismo tudo quanto possa contrariar seus dogmas, seus pontos de vista, vem afirmando que «OS MORTOS NÃO VOLTAM», com o que nega a comunicação, o entendimento entre eles

e nós outros; nega as aparições; nega a reencarnação.

O Espiritismo, entretanto, alicerçado em fatos, ensina que os chamados mortos voltam; quer para em novo corpo renascem e viverem de novo no plano físico (reencarnação), quer, antes disto, em se comunicando conosco por diversos meios. E principalmente modos.

Verdade é, porém, não ser dos primitivos tempos essa atitude negativista. Vejamos como pensavam notáveis vultos dessa fase, alguns elevados aos altares.

Encaremos primeiramente o fenómeno das aparições, não para estudá-lo na sua forma de ser, mas apenas quanto à sua realidade. Os anais da igreja estão refertos de aparições de anjos, de santos, de demônios... Assim também as páginas do Velho Testamento, como as do Novo. Anjos e demônios, porém, não foram «gente», suas aparições, portanto, não comprovam *visita* de mortos; mas os Santos? Não foram criaturas que viveram neste nosso «vale de lágrimas»? Certo é haver quem se atenha ao recurso da «graça», ou ao princípio de que «*para Deus não há nada impossível*», caso êste que em termo de absoluto põe em olvido a ONISCIÊNCIA de Deus, atributo divino consoante o qual nenhuma de suas leis é derogável.

Vamos, porém, aos fatos:

Em sua «Suma Teológica» S. Tomaz de Aquino testifica: — «o espírito *póde aparecer aos vivos*»; e Sto. Agostinho: «*Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendá-lhes o futuro cujo conhecimento adquirem, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina*».

ORÍGENES, grande mestre da Igreja na abalizada opinião de S. JERÔNIMO, afirmou em sua memorável controvérsia com Celso: «... *muitas pessoas têm abraçado o Cristianismo, tocado o seu coração, repentinamente transformado, por algum espírito, quer numa aparição, quer em sonho. Tomo Deus por testemunha da verdade que digo...*»

GREGÓRIO DE CESARÉA depõe que, antes de encerrado um concílio, dois bispos que o integravam faleceram sem haverem assinado as re-

soluções tomadas. Então todos os componentes do concílio se reuniram junto ao túmulo de ambos, e, ali, após orarem, um deles evocou a alma dos referidos bispos e pediu que, se estivessem de acôrdo com a obra realizada, a assinassem. Juntos passaram a noite ali, orando, havendo a decisão do concílio sido lacrada e encerrado no túmulo, tornado inviolável com o sêlo do concílio. Pela manhã, quebrados os selos, depararam com a declaração de ambos aposta ao manuscrito, nos seguintes termos: — «*Nós, Chrysantus e Mysonius, que havemos assentido com todos os padres ao primeiro e santo concílio ecumênico, posto que presentemente despojados de nossos corpos, subcrevemos, entretanto do nosso próprio punho, a sua decisão.*» (Nisto o Espiritismo tão só constata o fenômeno absolutamente natural, mediúnico, de escrita direta.)

Creemos suficientes os testemunhos aqui deixados de que os «*mortos voltam*», através de comunicações com vivos, não apenas no passado, mas em continuidade sem solução. É dos nossos dias o facto de ter aparecido e falado ao então Cardeal Paceli, anunciando-lhe sua elevação ao Pontificado em sucessão a Pio XI, o Espírito de Pio X. E positivamente a notícia, Paceli veio a ser o

Pontífice Pio XII, de marcante atuação e reverenciada memória. Não apenas, porém àquele cardeal apareceu o espírito de Pio X: a várias outras pessoas o fez, inclusive junto ao leito de enfermos, curando-os. Se recuarmos agora ao século V, saberemos que o então Chefe da igreja, S. Leão I, o Grande, viu e ouviu o Apóstolo Pedro, dêle tendo recebido algo escrito. Sob êste mesmo Pontífice os hunos invadiram a Itália, arrastados por Átila, o chamado «flagelo de Deus». O papa foi-lhe ao encontro. E a respeito conta-nos o P. Iran Correia, S. D. B. em sua «*Biografia dos Papas*» (Vol. XVII da «*Bíblia Sagrada*», Editôra das Américas, pág. 103):—«*Uma lenda, imortalizada num quadro de Rafael, diz da aparição de S. Pedro e de S. Paulo ameaçando Átila. O certo é que o «terror do mundo» retrocedeu. O papa salvára Roma!*» — Compreendemos porque o Autor qualifica de *lenda* o fenômeno. Só não podemos compreender, FORA DO ESPIRITISMO, é como tendo Átila sido ameaçado pela visão de S. Pedro e de S. Paulo, o seu vencedor haja sido o papa.

Cumpre-nos, agora, face a tais fenômenos, pôr em fóco o grande tema da constituição do homem.

(Conclúe no próximo número)



A Tese Reencarnacionista pela Ciência

V. O. Casella

O fato de não recordarmos nossas vidas passadas, sempre foi um dos mais renhidos argumentos dos que se opõem à tese do reencarnacionismo.

Embora hajam casos de recordações comprovadas, de vidas anteriores, como o da menina Shanti Devi, da cidade Delhi, da India, investigado rigorosamente pelo escritor sueco, Sture Lonnstrand, e outras provas apresentadas em literaturas do gênero, como a de Carlos Imbassahy e Mario Cavalcanti. «A reencarnação e suas Provas», a argumentação pelo esquecimento, evocada pelos anti-reencarnacionistas, tem hoje contra si elementos demonstrados pela própria ciência.

Estas provas temos em fenômenos da hipnose que, pelo retrocesso da memória, revelam existirem armazenados na nossa subconsciência, mas esquecidos pela nossa consciência, fatos emocionais ocorridos no nosso período de infância. Após uma longa latência, tais fatos, conforme se verificou em certos indivíduos predispostos, podem em qualquer oportunidade da vida adulta aflorarem no consciente, como uma revivescência daqueles atos anteriores. Mas esta rememoração não surge como uma lembrança da antiga cena, ocorrida em tôdas suas particularidades. Da ocorrência, desponta apenas a resultante que conseguira se ocultar na mente do

indivíduo, a qual aflora como um impulso que vem a ser a essência daquele todo da antiga cena emocional.

Sem dúvida, trata-se da recordação de um fato que por muito tempo dormira na subconsciência do indivíduo. O impulso vem a ser um efeito no presente, como resultado de uma causa longínqua. Mas agora, essa autêntica lembrança vem a ser inconsciente, pois o indivíduo atende a êsse impulso, sem ter qualquer noção da atividade causadora que se dera na sua infância.

Logo, se a própria ciência demonstra poder ocorrências passadas nesta mesma existência dormir na nossa mente, não há razão para se estranhar a não lembrança de uma vida anterior mais longínqua, pela sucessão da passagem do espírito de um a outro corpo orgânico. E o exemplo da hipnose também revela que se nos casos da própria vida presente tais fatos latentes podem aflorar sob forma indireta, através de impulsos, teremos que as nossas vidas passadas também estão sendo recordadas nesta outra atual, por uma forma impulsora quem vem a ser as nossas tendências vocacionais.

As aquisições da vida anterior, sem dúvida, influenciando na mente espiritual do indivíduo, deixam-lhe uma essência dêsse todo no fim da jornada orgânica, cujo reduto mental vem plasmar a sua personalidade, conforme seus méritos e deméritos realizados. Restituída ao pó da terra a matéria somática pela sua morte, o espírito sobrevivente, em continuação, recebe novo corpo orgânico correspondente ao seu aproveitamento anterior. Cada qual receberá seu veículo carnal de acôrdo com a sua capacidade adquirida pelo próprio esforço, no decorrer de cada existência.

O que interessa para a nova vida orgânica não é a lembrança das suas cenas passadas em tôdas suas particularidades mas, sim, o seu caráter adquirido na formação da sua personalidade até o grau mais alto atingido pela sua mente. Assim, a exemplo da hipnose, o espírito traz, para a nova organização somática, a recordação anterior que vem a ser as suas tendências para determinadas tarefas. Logo, as nossas inclinações, predicados êstes do espírito e não da matéria, como autênticas lembranças impulsivas, le-

vam-nos a continuar a obra anterior. Se progredíramos bem a evolução da mente espiritual prossegue cada vez mais livre e elevada, com as novas aquisições de cada existência orgânica em passagem.

Esta ascensão continua de uma a outra etapa, cuja meta será o corpo espiritual desembaraçar-se de uma vez da matéria, onde êle se fez em coexistência. E' o perfume que se destaca da flor.

Aos retardatários, ainda em más tendências recordativas, a sociedade através de leis, escolas e doutrinas educacionais procura auxiliá-los, corrigindo-os de suas más qualidades predominantes. Muitas vêzes, a lembrança impulsiva do passado, geralmente quando foi bem progressiva, pode manifestar-se desde cedo na infância de alguns indivíduos.

Falamos de certos prodígios, que basta depararem com fatos relacionados com seu passado anterior, para que despertem neles o impulso recordativo para a continuação. A memória surge surpreendente, a exemplo de Mozart e outros, que deixaram atônitos os observadores, diante de sabedorias irrompidas de improviso, sem que o indivíduo tivesse passado pelos métodos comuns da aprendizagem.

De fato, sem ser pela teoria das reencarnações, como poderia originar espontaneamente, conhecimentos intelectivos na cabeça do individuo, quando é lógico compreendermos que ninguém nasce sabendo? Logo, se há exemplos de indivíduos que já nascem com sabedoria feita teremos que tal saber, sendo obra de aquisições próprias, fôra adquirido em algum outro lugar ou ocasião, pelo seu próprio portador, caso êste sómente explicável pela tese reencarnacionista.

Afinal, como vemos, pelas experimentações da hipnose, as nossas tendências para determinados estudos ou trabalhos práticos, e até mesmo os vícios, ou outras predicções, são recordações de vidas passadas, remodelando-se continuamente em ascensão evolutiva, em cada existência orgânica que se vive.

Diários de Leopoldo Machado

Nota: Terminaram os capítulos que Leopoldo escreveu para a «Revista Internacional do Espiritismo», com o título de «Memórias de um Espírita Baiano». Sua enfermidade impediu que êle prosseguisse. De vinte e um de abril de mil novecentos e trinta e seis a vinte um de junho de mil novecentos e trinta e oito, nada escreveu. Desta data em diante, passou a fazer os seus diários. Nota-se que eram todos feitos às pressas, dada a escassês, sempre, de seu tempo. Passo a transcrevê-los.

LEOPOLDINA

Dia 21 de junho de 1938

Estamos em Belo Horizonte.

Sono inquieto e curto, a despeito da hospedagem ótima, do quarto confortável, com duas camas de solteiro.

Às nove horas, saímos de auto com o dr. Noraldino de Mello Castro. Fomos primeiro à casa do Cícero Pereira que convalescia de grave enfermidade. Encontramo-lo a apanhar sol e lhe fizemos companhia até o meio dia.

Depois do almoço, recebemos a visita do Alcides Vieira de Souza. Conversamos até a volta do Noraldino em seu *Ford*. De novo, no auto, saímos a passeio. Visitamos o coronel Mello, illustre pai do queridíssimo amigo dr. Levindo Mello. Ótima acolhida, animada palestra que se desenrolou por mais de uma hora. Depois, para a residência do dr. Telles de Menezes. Acolhida ótima, palestra animada. Rodamos para os altos da Av. Afonso Pena a fim de contemplarmos o panorâma da cidade. Deslumbrante. Depois, à Feira de Amostras, à procura do Chico Xavier. Curta e emotiva palestra na repartição em que trabalha. Descemos à rua e aí, aproveitando a esbatida claridade do dia, batemos algumas chapas fotográficas dos grupos e uma do Chico. Em seguida, para a Confeitaria Califórnia de onde telefonei para o dr. Lopes Rodrigues, contemporâneo e amigo dos tempos da adolescência. Quando lhe disse quem era, irreverente e pândego, perguntou-me: — «Que vem fazer na minha terra, *seu desgraçado*?

— «Conferências espíritas, *seu bandido*».

— «Já o sabia. Diga-me onde vai falar. Irei ouvi-lo».

— «Rua Curitiba, 626. Não poderá ir porque não são conferências para herejes».

— «Já lhe disseram?

— «Não era preciso».

— «Engana-se. Já não sou hereje. Você o saberá e terá muitas surpresas».

— «Folgo com a novidade».

Da confeitaria, já sem o Alcides, Noraldino levou-nos à sua residência, em Carlos Prates. Sua senhora, ausente, porque fôra levar a filhinha ao médico. Pouca demora, e, de volta à pensão, encontrei-a, que voltava do médico. Conôscos seguiu até a pensão.

Jantamos às dezoito horas. Fui esquecer a conferência após a janta, o que me trouxe certa perturbação de vista e de cabeça. Resolvi, por isso, andar a pé, com o Euclides Moreira, até a União Espírita Mineira, deixando Marília para ir de auto com Noraldino e senhora.

Lembro os passeios em companhia do Alcides. Fala pelos cotovelos, dando-nos a impressão de um rádio humano. Conversa, porém, agradabilíssima.

Lembro ainda a nossa despedida do Chico, à entrada da Feira de Amostras, quando nos disse: «Vou cuidar do bem estar dos animais, embora veja, com pesar, sêres humanos sem bem estar nenhum».

A primeira conferência começou às dezenove e trinta, na União Espírita Mineira. Salão repleto. Rubens Romanelli fez a saudação a mim, em nome do Instituto Leopoldo Machado e da União. Generoso e entusiasta, focou a minha função de professor, educador, a minha atividade na Doutrina, encontrando em mim qualidades de *super-homem*. Iniciando minha arenga, destruí as três generosas afirmativas do confrade e amigo.

Falei sobre *Civilização em Ruínas*, tema, como os outros, posto nos convites que foram distribuídos nas notícias dos jornais. Falei duas horas e dez minutos, dois taquígrafos apanhando minhas palavras. Muito aplaudido, feliz-

mente. Chico Xavier, presente à conferência, recebeu dois belíssimos sonetos, em torno dos problemas abordados, de Augusto dos Anjos e Pedro de Alcântara.

Transcrevemo-los :

Civilização em Ruínas

Augusto dos Anjos

*A civilização horrenda, em ruínas,
Deixa agora escapar o horrendo fruto
De miséria e de dor, de pranto e luto,
Feito de sangue e de cadaverinas.*

*Em vão, sôbre o Calvário áspero e bruto
Sangrou Jesus em lágrimas divinas.
Sôbre as ofensas torpes e tigrinas
Que lhe tentaram o espírito incorrupto.*

*Saturado de débito e gravame,
A civilização amarga e infame,
Suicida-se num báratro profundo.*

*Porque na luz dos círculos da Terra,
Nos turbilhões fatídicos da guerra,
Ainda é Caim que impera sôbre o Mundo.*

Brasil

Pedro de Alcântara

*Sopra o vento do ódio e da vingança,
Aniquilando a paz do Mundo inteiro,
Embora o amor divino do Cordeiro,
Seja a fonte da Bemaventurança.*

*Mas a terra ditosa da Esperança
Vive nas claridades do Cruzeiro,
Onde o Evangelho é o doce mensageiro
Das bençãos da Verdade e da Bonança!*

*Meu Brasil: guarda a luz desta vitória
Que é o mais belo florão da tua glória,
Nos caminhos da Espiritualidade!*

*Ama a Deus. Faze o bem. Todo o problema
Está na compreensão clara e suprema
Da Fé, da Paz, da Luz e da Verdade...*

As duas obras poéticas foram recebidas *currente calamo*, ao meu lado. Chico escrevia, com a mão esquerda lhe tapando a vista. Cada soneto, uma letra e as letras desiguais.

Trocas de abraços, apertos de mão, muita efusão e vibração.

Depois, ao chá, no Bar Paládio, do Ennes, à Av. Afonso Pena. Sempre, muita alegria. Por último, pensão, às onze e meia.

22 de Junho de 1938

Não temos dormido bem. Ao alvorecer, a claridade do dia sempre limpo e belo, que entra pela janela de vidros movediços, muito em moda, me desperta.

Depois do café, pus-me a fazer o diário. Interrompi-o pela chegada do Noronha Filho. Saímos a pé, em passeios pelo centro, a conversar. No correio, Marília escreveu dois cartões: para sua casa e para mamãe. Depois, à Livraria Oliveira Costa onde comprei, pensando nos livros que estou a concluir: *O Traumatismo do Nascimento*, de Otto Rank; a *Genealogia do Amor*, do Dr. Curt Thiesson; *Educação Sexual da Criança*, de Gastão Pereira da Silva e *Lutero*, de Vicente Themudo Lessa. Presenteei Marília com o *Doceiro Mineiro*.

Despedimo-nos na Praça Sete. Noronha, para a repartição e nós, para a pensão. Depois do almoço, à casa do Cícero Pereira aonde ficamos até quatro e trinta, em conversa amistosíssima. Depois da janta, na pensão, recebemos o Noraldino que se despedia, por ter de tratar de negócios no Rio. Dei-lhe apresentações para o Ayres de Camargo, Pinto de Souza, Henrique de Andrade. A pé, depois, para a União, eu, Marília, a senhora do Euclides. Perdemos no centro; custamos a achar a rua Curitiba. Cheguei, por isso, atrasado à União. Salão ainda mais cheio do que na véspera...

O Espiritismo é obra de educação foi o tema da palestra. Falei uma hora e cinquenta minutos, sentindo o ambiente maravilhoso. Dois taquígrafos também. Depois, Eugênio Carlos Monteiro, com a palavra, falou, por dez minutos, enaltecendo a peça que proferi, minha ação na Doutrina, a me chamar de *Mestre*, o que me desagradou sobremaneira. Recebí, culminando tantas atenções, dois livros, com honrosa dedicatória: *O Cenáculo Espírita* e *o Espiritismo dentro dos Evangelhos de Jesus*.

Laudelino Ferreira e Exma. Família nos levaram à pensão onde chegamos às onze horas.

Compreendendo a relatividade de antigas verdades absolutas

Processo histórico do desenvolvimento espiritual do homem — O problema das revelações, na Doutrina Espírita



NÃO podemos entender o problema religioso fora da perspectiva histórica. Falar em verdades eternas, instituições divinas, revelações supremas, às quais teríamos de submeter-nos, como um rebanho ao pastor, é simplesmente fugir ao esclarecimento do assunto. A mística das revelações constituiu um período histórico necessário, nas fases primárias do desenvolvimento humano. Com o decorrer do tempo, êsse período foi superado. O homem tornou-se capaz de pensar de maneira aguda e produtiva, de criticar suas concepções anteriores e de criar meios de investigação dos mistérios da vida e do mundo, com sua própria inteligência. Nêsse momento, compreendeu a relatividade das antigas verdades absolutas.

O Espiritismo se caracteriza, em face das religiões atuais, por essa posição racional, quanto ao problema religioso. As pessoas que não conhecem o Espiritismo, em geral o confundem com simples formas de sincretismo religioso ou de superstições primitivas. Pensam que Espiritismo é evocação de espíritos, magia, feitiçaria e coisas semelhantes. Assim, ao lerem o que acabamos de escrever, pensam que estamos sofismando. Aconselhamos essas pessoas a consultarem as obras básicas da doutrina, em especial «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, para verem que estamos com a razão.

As religiões antigas, anteriores ao Cristianismo, apresentavam-se como revelações divinas, feitas pelos deuses mitológicos. A religião judaica, de que nasceu a cristã, era a revelação de Jeová ao povo eleito. O Cristianismo apareceu de maneira diferente, como uma religião didática, ensinada por um homem. A revelação divina se tornava humana. Mas a imaginação do tempo, apegada ao maravilhoso, em breve rejeitou essa modificação. Jesus foi devolvido do plano histórico ao mitológico, e transformado

em Deus. O Cristianismo absorveu, então, a mística e a magia das revelações divinas do passado, confundindo-se com elas. Tornou-se uma «religião revelada», como as outras, e adquiriu o mesmo poder de coação, impondo-se aos homens pelo prestígio do mistério. Mas o próprio Cristo já havia previsto êsse fato, e anunciou a ressurreição de seus princípios, para quando a mente humana atingisse a maturidade. É o que vemos no Evangelho de João, com o anúncio do Consolador.

Quase dois mil anos correram sôbre as palavras de Jesus, mas o momento de maturidade chegou. Nos séculos dezessete e dezoito vemos acentuar-se o processo de maturação mental da humanidade, e no século dezenove encontramos o homem numa fase de plena libertação espiritual. É então que aparece o Espiritismo. Não como revelação divina, no sentido das religiões antigas, mas como um vasto processo de descoberta do espírito. Kardec o apresenta, em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», como III Revelação, mas esclarece o sentido novo dessa revelação.

Nada mais claro do que a explicação de Kardec, em «A Gênese», sôbre a natureza do Espiritismo. Revelar, diz êle, é mostrar alguma coisa que estava oculta. Nêsse sentido, o Espiritismo é, ao mesmo tempo, revelação divina e revelação humana. Divina, quando os Espíritos, por suas manifestações, revelam aos homens a natureza do mundo espiritual. Humana, quando os homens, por suas investigações, penetram os segredos dêsse mundo. A revelação espírita não é, portanto, absoluta, imposta aos homens pelos deuses ou por Deus. É o resultado de uma conjugação de esforços. Os Espíritos, homens desencarnados, e os Homens, espíritos encarnados, dão-se as mãos para descobrirem a verdade espiritual, no plano do natural e não do mistério.

Há duas formas de revelação, diz Kardec: a divina e a científica. As reli-

giões antigas aceitavam a primeira e nela se baseavam. Daí seu caráter absolutista, sua arrogância na imposição de princípios indiscutíveis. O Espiritismo aceita a segunda e nela se baseia. Daí seu caráter científico. Os Espíritos ajudam os homens a penetrarem os segredos do mundo espiritual. Não são mestres superiores e infalíveis, mas colaboradores. Não possuem a sabedoria suprema dos deuses, mas a relativa, das criaturas. A revelação divina se humaniza de novo no Espiritismo, despojando-se dos elementos místicos e mágicos do passado. Os princípios racionais, ensinados por Jesus, ressurgem no momento exato da maturidade mental da humanidade. A profecia do Mestre se cumpre, não de maneira milagrosa, mas dentro do processo histórico, como uma antevisão do desenvolvimento evolutivo da espécie.

As verdades eternas, as instituições divinas e as revelações supremas, que antes exerciam seu domínio mágico sobre os homens, perdem o velho prestígio. O homem, liberto do temor do mistério e do temor dos deuses, aprende a conquistar por si mesmo o conhecimento das coisas espirituais co-

mo conquistou o das coisas materiais. Dentro da relatividade de sua natureza, aprende que as verdades eternas lhe são ainda inaccessíveis. Aprende, sobretudo, que antes de conhecer o absoluto, terá de evoluir no relativo. A religião volta a adquirir, assim, o caráter didático do ensino de Jesus. Não é mais um plano de salvação imediata, mas uma escola de salvação progressiva.

E' por isso que o Espiritismo não se proclama como religião única, fora da qual não haverá salvação. Essencialmente evolucionista, êle nos mostra a religião como um processo de desenvolvimento espiritual do homem. Nas fases primitivas, a religião se traduzia em mistério e magia. Nas fases posteriores da evolução humana, ela se traduz em compreensão espiritual. Os mistérios, as fórmulas sacramentais, a consagração de objetivos, os ritos, são apenas instrumentos primários do desenvolvimento espiritual. Mas chega o momento em que o homem se liberta de tudo isso, para atingir aquilo que Jesus chamava: «adorar a Deus em espírito e verdade».

Irmão Saulo

Luz, Senhor, por Misericórdia...

E. K. Taves

O mundo atual vive caracterizado pela pretensão das «certezas definitivas», oriundas de «incertas criaturas» que todos somos, resultantes, não há negar, dos sobressaltos que nos empurram de um lado para outro diuturnamente, como se não tivéssemos um guia certo ou um roteiro seguro para nossa existência: JESUS!

Êsse mal empana e confunde a visão real do mundo em que vivemos, daí nos parecer vazio, enfadonho e corriqueiro, já que o «excesso de si mesmo» cega e perturba o raciocínio lógico das criaturas, não estivesse êle emperrado pelo egocentrismo.

Questão psicológica? Psiquiátrica? ou simplesmente de Moral Cristã?

Estamos como aquêles que vegetando na sombra acostumaram-se a en-

xergar no escuro, e tão-sòmente por isso, julgam-se iluminados.

Nosso «EU» confuso, dilatado grotescamente pelas estapafúrdias conseqüências do comodismo inoperante, fixa admirado o abismo do seu nada. As frustraões de cada um originam recalques, desajustamentos e fugas, que se escondem dentro das próprias dimensões de suas mentes estagnadas: «o espelho sepultado na lama não reflete o esplendor do sol».

Não enxergam, não vislumbram, não percebem, não sentem a fusão da Ciência e da Religião, quando juntas verificam e ressaltam que «pensa e vive mal aquêles que deseja muito ser útil a si próprio».

A inércia da mente é a causadora de acreditarmos piamente na auto-sufi-

ciência. Em geral não pensamos, não meditamos. Esquecemos «que a mente é um núcleo de forças inteligentes gerando um plasma sutil—a idéia—e que a idéia é um «ser» organizado por nosso Espírito a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção. Do conjunto de nossas idéias resulta nossa própria existência: o nosso Céu ou o nosso próprio Inferno!»

Desejemos então que nossos reflexos mentais nos impulsionem para frente e para o alto, para que possamos aprender a cultivar a educação, aprimorando-nos cada dia, lembrando-nos a todo instante que nosso aperfeiçoamento depende da purificação da nossa individualidade.

Elevemos nosso padrão de conhecimentos pelo estudo bem conduzido, apurando, a pouco e pouco, a qualidade da nossa emoção, pois desta resultará, sem dúvida, a prática para sempre das virtudes superiores, que nos dará o avanço moral imprescindível que irá, conseqüentemente, colocar à nossa frente o Supremo Poder, a Causa Primária, a Eterna Sabedoria do Universo.

«E, quando a Verdade chega, consola e fica.

«Quando a Fé esclarece, perdura e guia.

«Quando a Filosofia explica, orienta e ilumina.

«Quando a Ciência afirma — a Crença e o Conhecimento apoiam a razão em termos exatos e reais».

Como raios conscientes da Sua Infinita Misericórdia, recebemos como herança, dentro dos limites da nossa evolução espiritual, a faculdade de criar e desenvolver, nutrir e transformar.

Criemos então, o nosso mundo mental, à semelhança de Jesus: aman-

do a Deus sobre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Desenvolvamos nossas atribuições no sentido edificante de compreendermos realmente a verdadeira noção de Fraternidade Universal, procurando nutrir nossa mente e coração, com os alimentos sublimes que nos fornece gratuitamente, com tanto carinho e amor, o Evangelho Redentor!

Transformemos as velhas formas de opressão e ignorância nos elevados padrões do Cristianismo. Não podemos nos esquecer que dependemos muito e muito dos nossos semelhantes para a própria escala evolutiva. Agimos e reagimos uns sobre os outros através da energia mental, que se renova constantemente, afim de estruturar nossos destinos, criando, alimentando e destruindo, formas e situações, paisagens e coisas.

Por isso, não sejamos como:

«Os déspotas que se enfurecem com as idéias de liberdade, pois,

«Só os criminosos se inquietam com a lembrança das leis divinas,

«Só os violentos se exasperam com os conselhos de paz,

«Só os maus se irritam com os imperativos de amor ao próximo,

«Só os egoistas se incomodam com os princípios do altruísmo,

«Só os vingativos não se acomodam com a doutrina do perdão.

«A dádiva gratuita só prejudica os interesseiros,

«A sinceridade sempre desmascara o hipócrita escondido, e

«A humildade sempre envergonha o orgulhoso impuro».

Lembremo-nos a todo minuto que o benefício da tolerância é um dos alicerces da nossa elevação moral; e imploremos ao Mestre Divino:

LUZ, SENHOR, POR MISERICÓRDIA...



EM FAVOR DE VOCÊ MESMO

Ajude sem exigências, para que outros o auxiliem, sem reclamações.

Discuta com serenidade; o opositor tem direitos iguais aos seus.

* Milhões e Nada *

(Domério de Oliveira — da U. M. E. — de Catanduva)

 situação de angústia totalmente pessoal em que um indivíduo se coloca, envolve, como natural consequência, uma ausência absoluta de perspicácia no que concerne à interpretação das dificuldades que a vida lhe apresenta.

Uma ligeira nuga, pelo simples efeito de o ferir mais de perto, assume proporções imensuráveis tais que todo o horizonte se lhe tolda, obsecando-o a ponto de não ver que os raios dardajantes do Sol Divino continuam a iluminar o mundo, não obstante a densa nuvem negra que, por momentos, o envolve.

Porque sofre, já o mundo lhe parece diferente; a vida, por esse motivo, reveste-se para êle de um aspécto lúgubre, julga-se a vítima escolhida de uma particular calamidade, o objeto apetejado de influências más.

Há em tudo nesta vida certa relatividade. Nos degraus da existência todos padecem e experimentam cálices de amargura. Uns mais e outros menos. O sofrimento deve ser concebido como o resultado das ações desordenadas, das incursões mediócras nas regiões dos pensamentos baixos, da inobservância das leis infalíveis da Justiça Divina que rege o Cosmos.

Está muito generalizada a idéia da injustiça do sofrimento pessoal, e, precisamente, tal êrro é um dos elementos que mais contribuem para incrementar os males da humanidade.

Efetivamente observamos que quando alguém é tangido pelo sofrimento, quando a desgraça fere uma pessoa, logo esta, instintivamente, compara a sua sorte à de outrem e formula o contumaz queixume: —

— Porque hei de ser eu o armazém de pancadas do destino, quando vejo tantas criaturas de meu conhecimento, que não são melhores do que eu, e, entretanto, são poupadas no sofrimento, portanto, levam a vida numa gôndola branca por «sôbre um manso lago azul sem névoas nem espumas».

Tais pessoas ignoram as atribulações alheias. Não há quem não tenha sua parcela de aflição neste mundo fugaz e aterrador. Ora, o que é verdade é que todos êsses sentimentos depressivos a respeito do sofrimento, essa deplorável atitude de espírito, coisas estas muito espalhadas por entre a humanidade, desaparecem por completo ante uma análise comparativa em relação aos problemas dolorosos que comprimem e agitam, no pequeno orbe, todos os corações humanos.

Tais pessoas precisam saber que estas dores que as afligem são outras tantas oportunidades que se lhes apresentam para que possam assumir atitude diferente, suportando tudo com absoluta resignação e valentia moral.

No cadinho do sofrimento se aprimoram qualidades de que carecemos para a vitória final: coragem, resolução, paciência, tranqüilidade de espírito e nobreza de sentimentos.

Aliás êste é o pensamento que deve predominar nas mentes daqueles que sabem que esta vida em si não vale grande coisa, a não ser para o próprio aperfeiçoamento de tantas falhas de que somos portadores.

Aos cálculos frios e materialistas dos Milhões que representam o nada, devemos sobrepôr as moedas de ouro da moral e da espiritualidade que «os ladrões não roubam e as traças não destróem».

Nenhum cristão de verdade passou pela terra sem encontrar obstáculos na sua caminhada. E em vencer os obstáculos com resignação e fé, encontraram êles a palma da vitória e seus nomes brilham como estrêlas nos céus do cristianismo. Imitai-os, pois, e encontrareis em cada obstáculo um motivo para chegardes mais perto de Deus e serdes realmente felizes.

Crônica Estrangeira

TRÊS FENÔMENOS CURIOSOS

De «*Estudos Psíquicos*»

O que vamos narrar respigámo-lo em *Fate Magazine*. Não se trata de coisa retumbante, como às vezes sucede, mas nem por isso deixa de ter o seu interêsse psíquico. Por isso arquivámos os três casos à espera de algum estudioso que os tente explicar melhor.

O primeiro é narrado pelo sr. Bryan F. Parkes. Diz que um dia, êle, seu pai e um amigo viajavam de automóvel em direção a Nottingham. O tempo estava sombrio e havia troços da estrada inteiramente encovados, obrigando-os a marcha muito lenta.

Num dos mais perigosos, rente ao lago Rudgard, seguiam em longa fila separados apenas por alguns centímetros. A visibilidade estava reduzida a zero.

— Olhar pelas vidraças laterais — escreve — dava-nos a impressão de que recuávamos à grande velocidade, uma ilusão que meu pai dizia ter experimentado muitas vezes, quando guiava em momentos de nevoeiro. Súbitamente fomos alarmados pelo som contínuo e impaciente de uma buzina acompanhado do ruído de um motor potente. Sem qualquer aviso, enorme carro nos ultrapassou num relâmpago, como se fôsse dia claro. Três pessoas o viram e perguntaram se o acontecido fôra motivado por nervos e olhos cansados ou se teria sido fenômeno sobrenatural. Por estranha coincidência, um carro se despedaçou uma semana depois no mesmo local da estrada.

E o sr. Bryan F. Parkes pergunta aos leitores :

— Teria sido ilusão ótica ou visão do futuro ?...

O segundo caso é contado por um leitor e refere-se ao aviso de morte de sua mãe.

Na madrugada de 17 de Setembro de 1917 a mãe da articulista acordou a gritar. Tôda a família se levantou assustada e a progenitora explicou então que vira em sonho o filho Harry, morto por uma bala e clamando :

— Mãe ! Mãe !

Harry estava em França, no Corpo Expedicionário, e a pobre senhora ficou tão combalida, que chamaram o médico, a fim de acalmá-la com sedativos. Entretanto apontaram a data do acontecimento.

Quinze dias depois receberam um telegrama do Ministério da Guerra, notificando-os da morte de Harry em combate em Marvel, no mesmo dia.

No ano seguinte um camarada de Harry declarou que êste morrera numa árvore e que momentos antes dissera : «Mãe ! Mãe !»

O terceiro é devido à pena da sr.^a L. A. Larkin.

«Em 1949 — diz ela — meu filho e minha nora saíram para o trabalho, deixando o bebê a meu cuidado. A criança tinha 8 meses e era meu hábito colocá-la no bêrço, sôbre o relvado em frente de casa.

«Assim o fiz no domingo de Páscoa, mas senti estranha necessidade de localizar o bêrço mais longe, a muitos metros da janela. Uma hora depois ouvi um súbito fragor. A janela do quarto de dormir, que estava arrancada, deu de si e caiu precisamente no sítio onde eu colocava habitualmente o bebê. Todos os vidros se partiram, assim como os caixilhos. Se não fôsse a minha idéia, o menino teria ficado gravemente ferido».

Há ou não há muita coisa que transcende a nossa vã filosofia ?...



O ESPIRITISMO NOS ESTADOS UNIDOS

De «*Estudos Psíquicos*»

Maurice Barbanell, diretor de «*Two Worlds*», semanário espírita londrino, diz que em 1958, jornais, revistas e postos de televisão se têm referido amavelmente ao Espiritismo, demonstrando interêsse pelos fenômenos psíquicos e que em tôda a América essa onda de simpatia é cada vez maior, como bem observa o *Life*.

Uma das histórias que maior sensação causaram foi a que relatou os fe-

nômenos desenrolados na residência do casal Herman, em Long Island, com 67 tipos de manifestação, segundo informa o *Journal of Parapsychologie* editado pela Universidade de Duke. Bodin, que enviou estas notícias ao *Two Worlds*, refere-se igualmente aos artigos do notável jornalista Hy Gardner, redator do *New York Herald Tribune* acêrca dos fenômenos psíquicos ocorridos no Oriente, sobretudo em Quemói.

Parece que o movimento espírita ganha terreno nos Estados Unidos, principalmente entre os pensadores, que sentem grande atração pela nossa doutrina.

Há bem pouco ainda «O Mistério de Bridey Murphy» foi considerado «best-seller» numa edição de três milhões de exemplares, suscetível de enriquecer o autor. Os próprios realizadores de cinema voltam-se para o Espiritismo na mira de novos filões que os afastem do ramerrão de Hollywood.



SONHO RESOLVE O MISTÉRIO DE DESAPARECIDO DOCUMENTO VITAL

De «*Two Worlds*»

Quando eu era secretário de vasta organização em Londres, não pude encontrar um importante documento necessário numa reunião a se realizar dentro de poucos dias. Investiguei meu próprio gabinete e a oculta dependência anexa. Nenhum vestígio.

Pedi à minha secretária procurar em sua sala e a da datilógrafa, mas o documento não foi encontrado. Meu caixa afirmou nunca ter visto o papel. De má vontade êle procurou em seu escritório. Também êle não teve sucesso.

Era urgentemente necessário o encontro do documento. Uma certa ação

legal não poderia ser feita sem o mesmo. Depois de ter esquadrinhado todos os cantos prováveis e improváveis, sem resultado, comecei a ficar extenuado.

Então, de pé no meio de minha sala, externamente impassível, aparentemente olhando para fora da janela—era necessário evitar qualquer sorte de preocupação que poderia ser vista através de minha porta envidraçada do meu escritório—eu orei intensamente pedindo ajuda.

Naquela noite, em sonho, fui ao meu lugar de empregado. Tudo parecia mergulhado em nevoeiro esverdeado. Fácilmente passei através das paredes do edifício, desci pelo corredor, e entrei no gabinete do meu caixa.

Tirando as chaves do meu bolso, abri o cofre de segurança. Coisa essa que eu nunca fizera antes, não obstante ter o direito de assim proceder.

O papel não estava nas estantes. Abri uma gavêta. Dentro havia dois grandes livros, um acima do outro. Tirei-os para fora, debaixo da capa do livro inferior estava o documento que eu procurava.

Acordei extasiado, cada detalhe claro como cristal.

Ao chegar ao meu escritório, chamei meu caixa, disse-lhe ainda não ter encontrado o documento, e pedi: «O senhor o procurou no seu cofre?»

«Sim», respondeu êle, «mas lá não está».

«O senhor olhou na gavêta do cofre?»

«Lá não está. O senhor é a única pessoa que poderia guardá-lo».

«Para me agradar, vá e olhe».

Êle foi contrafeito — e voltou com o documento na mão, seu rosto escarlate e completamente espantado. Êle o encontrara debaixo da capa do livro inferior, na gavêta, como eu vira em meu sonho.

«Arnol»

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

— Livraria Espírita «EMMANUEL» —

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.º andar - Sala 2 e 3 - Telefône :
36-3146 - Caixa Postal 4926 - SÃO PAULO - Das 8 às 19,30 hs.

Espiritismo no Brasil

Reforma de Instalações

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», desta cidade, iniciando a execução de seu programa de reforma das instalações gráficas da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», afim de melhorar as edições e ampliar a difusão da Doutrina, precisa adquirir uma Impressora Plana Cilíndrica, formato de um quarto de papel Germânia, e aceita propostas para venda de Máquinas dêsse formato.

Os interessados poderão mandar-nos suas propostas com preços e condições de negócio para serem devidamente estudadas.

Em Duque de Caxias

II Semana Espírita de Cairbar Schutel

Grande repercussão teve a II Semana Espírita de «Cairbar Schutel», realizada em Duque de Caxias, pela Associação Espírita Cairbar Schutel. Todos os anos, segundo ficou deliberado em 1959, a Casa de Cairbar, na terra de Lima e Silva, promoverá êsse certame, com início no dia 16 e encerramento no dia 22 de setembro, data de nascimento do seu Patrono.

A finalidade é de divulgação do espiritismo e de progresso moral dos seus seguidores. Autêntica promoção de relações humanas e efetivo serviço de relações públicas, êste ano congregou maior número de grupos Kardecistas, não só da cidade como dos municípios de Magé, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Est. da Guanabara. A nota curiosa foi a participação de elementos de outros credos

religiosos, atraídos pela cultura de homens como o general Milton O'Reilly de Souza, Deolindo Amorim e Antônio Pereira Guedes.

Numa prova de absoluta fraternidade, a entidade promotora levou as reuniões às sedes da União dos Espíritas do município e do Centro Espírita Thiago Apóstolo, num ensaio bem sucedido de que, no futuro, iguais homenagens serão extendidas às outras associações irmãs. Foi muito notada a adesão que tôdas as casas deram à Semana de Cultura Espírita, porém mais saliente e calorosa foi a participação da União dos Espíritas caxienses, cujos diretores estiveram sempre presentes às reuniões.

O Centro Espírita Thiago Apóstolo, em cuja sede se fez a reunião do dia 21, mais uma vez demonstrou, de maneira entusiástica e positiva, o seu elevado sentimento de cooperação, congregando cêrca de 500 pessoas para a mais cálida prova de fraternidade e a-

pôio ao certame, além de sua solidariedade face o drama que defronta a Casa de Cairbar na construção de sua sede própria.

* * *

Discorrendo acêrca da origem de Jesus e da Conceção de Maria, num estudo minucioso e profundo, falou abrindo a Semana o general Milton O'Reilly de Souza. Tese das mais palpitantes pelo quase desconhecimento que a respeito dela têm os espíritas brasileiros, foi ouvida com a máxima atenção. Além da contribuição histórica de inestimável valor, a erudição do orador completou a jornada, despertando o interesse pelo estudo da Doutrina que a Direção da Associação anfitriã nunca se cansou de lembrar.

* * *

Um jovem acadêmico de direito — Antônio da Costa Oliveira, foi o segundo orador. Sua participação agradou muitíssimo pela evidência constatada de que a nossa mocidade já entrevê na Doutrina de Kardec o verdadeiro caminho. Esclarecendo e informando o Espiritismo, fêz ponderadas considerações sôbre a mediunidade, numa palestra serena, ordenada e balizada esquemáticamente pelo que há de fundamental na Doutrina.

* * *

Coube a Deolindo Amorim, no dia 18, perante cêrca de 400 pessoas reunidas na União dos Espíritas, a palestra mais cativante. Focalizou a vida de Cairbar Schutel, que apontou como exemplo absoluto de homem

realizado na Doutrina e como cidadão que soube conduzir a existência através de elevados princípios éticos e cristãos.

* * *

As palestras dos dias 19, 20 e 21 estiveram a cargo dos confrades Manoel Corrêa Duarte, Vice-Presidente da União dos Espíritas, do Presidente da Mansão Divino Pastor, sr. Narciso e de Antanas Alexandravicius, Presidente do C. E. Thiago Apóstolo, em cuja sede se reuniram perto de 600 pessoas. Além de comentar aspectos práticos do Espiritismo e do Cristianismo, o orador apelou aos seus confrades para que ajudassem a construção da sede da entidade promotora do conclave, oferecendo-se inclusive para alojá-la em caso de necessidade. Foi um gesto cativante, que antes houvera sido precedido pelo donativo de Cr. \$ 4.000,00 do confrade Manoel Corrêa Duarte, Presidente do C. F. Bezerra de Menezes.

* * *

Por fim, no dia 22 do corrente, encerrou o conclave o companheiro Antônio Pereira Guedes, jornalista Diretor de «O Alme-nara», do Rio de Janeiro. Diante de assistência numerosa, atenta e entusiasta, falou com imenso agrado para os presentes. Traçando um paralelo entre misticismo religioso e racionalismo, focalizou contradições perigosas do exagêro na interpretação de ambos os aspectos se não houver o equilíbrio do estudo e da prática.

* * *

Participaram de tôdas as reuniões as seguintes instituições: Duque de Caxias:

Mansão Divino Pastor, C. E. Caminheiros de Jesus, Cruzada Esp. Discípulos de A. Kardec, C. E. Thiago Apóstolo, Grupo, Esp. Joana Darc, C. E. Bezerra de Menezes, C. E. Discip. de Thiago e Grupo da Fraternidade Ana Prado, êste com numerosa e entusiástica caravana. Tabernáculo Paulo e Estêvam — Cordovil — Est. da Guanabara; C. E. Luz e Verdade e C. E. Bez. de Menezes, de São João de Meriti; C. E. Seára S. Francisco de Assis — Nova Iguaçu; C. E. S. Francisco de Paulo — Santo Aleixo — Magé.

VI Semana Regional Espírita da 13.^a Região da USE

VIII Semana Espírita de Marília

De 17 a 24 de Julho p.p. realizou-se pela 13.^a Região da USE, Região compreendida entre as cidades de *Tupã* e *Gália*, a VI Semana Regional Espírita.

Uniram-se as Uniãoes Municipais Espíritas de Garça, Marília, Pompéia e Tupã e promoveram conferências pelas cidades da região a saber:

Dia 17 — Abertura da Semana Espírita nas cidades de Garça, Marília, Pompéia e Tupã.

Dia 18 — Conferência nas cidades de Vera Cruz, Marília e Herculândia.

Dia 19 — Nas cidades de Garça, Marília e Pompéia.

Dia 20 — Em Vera Cruz, Marília e Tupã.

Dia 21 — Em Garça, Marília, Quintana e Tupã.

Dia 22 — Em Vera Cruz, Marília, Pompéia e Tupã.

Dia 23 — Em Marília,

Herculândia, Vera Cruz, Parnaso e Tupã.

Dia 24 — Sòmente na cidade de Marília, o encerramento.

Nesse trabalho de sementeira espírita trabalharam os seguintes oradores: — Manoel Pinto Ribeiro, Milton Ferreira, Dr. Jonny Doin, José Antonio Luiz Balieiro, Professor Raimundo Rodrigues Martins, Adhemar Previdello, Capitão Alcides Sarmiento, Dr. Celso Xavier de Mendonça, Teófilo Costa, Dr. Otávio Noronha Ribeiro e Guerino Brunelli.

Pela VIII Semana Espírita de Marília, trabalho da União Municipal Espírita de Marília, realizada nos Salões do Centro Espírita «Luz e Verdade» e no salão nobre do Centro Espírita Luz, Fé e Caridade e no Restaurante Infantil, constou do seguinte: — 8 palestras nocturnas, 1 mesa redonda e reunião de confraternização.

Constou ainda do programa a inauguração do prédio onde será instalado o *Restaurante Infantil*, à rua Almirante Barroso n.º 318, no bairro anexo ao Palmital. O Restaurante Infantil pretende alimentar, gratuitamente, filhos de pais reconhecidamente pobres.

Foi grande a afluência de espíritas e simpatizantes nos recintos das conferências, bem como numerosas as caravanas para o dia da confraternização.

No dia 19 de julho também se comemorou o 12.º aniversário de fundação do Hospital Espírita de Marília. Naquêl nosocômio houve um festival de moços das diversas entidades espíritas da cidade com números também em que tomaram parte os doentes internados.

Vários oradores se fizeram ouvir na ocasião.

De 15 a 22 de julho realizou-se na 15.^a Região da USE a 1.^a Semana Regional Espírita. A 13.^a Região da USE esteve representada nessa festa pelos oradores marilienses: — Manoel de Paula Sad e Augusto Spilla e pelo orador catanduvense Raimundo Rodrigues Martins. Na confraternização espírita em Marília a 15.^a Região da USE esteve representada pelos seus diretores e por uma caravana.

Os espíritas da região aguardam, ansiosos a realização da VII Semana Regional Espírita e IX Semana Espírita de Marília, que se realizará em julho p. futuro. Acontecimento marcante do movimento espírita da região.

Marília, 11 de outubro de 1960

UNIÃO MUNICIPAL ESPÍRITA

(as.) Levy Merighe

VII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Rio Grande

A Mocidade Espírita de Jaboticabal, na Avenida Pintos, 1.110, com telefone 863, está centralizando o movimento da VII Concentração de Mocidades do Vale do Rio Grande, e, para isso, distribuindo circulares com seu Boletim n.º 1, dizendo do entusiasmo reinante na cidade por motivo dessa esperada grande Concentração e fazendo convite para a mesma.

Das referidas circulares, destacamos o seguinte:

«O movimento dar-se-á nos dias 7 e 8 de janeiro de 1.961, portanto no sábado e no domingo, conforme previsto na observação 3.^a do regulamento.

O limite receptivo para os representantes de cada cidade será (10) dez, conforme enuncia o art. 8.º.

Art. 10, parágrafo 2: É proibido, durante as Concentrações passar rifas, listas, selos, etc., ou promover leilões americanos ou sorteios de caráter benéfico.

As correspondências deverão ser endereçadas para a Mocidade Espírita de Jaboticabal, Avenida Pintos n.º 1.110 — telefone 863 — Jaboticabal.

As próximas notícias deverão circular no início de novembro.»

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Dando cumprimento ao seu estatuto, no que diz respeito a relações externas, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil fez-se representar diretamente no último Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres, de 10 a 17 de setembro próximo findo. Os representantes credenciados foram o coronel Euclides Fleury, que se encontra em Paris, há tempos, desempenhando funções oficiais, e é espírita praticante, e o diplomata Hércio Pires, que viajou do Egito, desembarcou em Paris e, dali, seguiu para a Inglaterra com a representação do Instituto. Ao todo, cinco brasileiros, pertencentes ao Instituto de Cultura Espírita do

Brasil, tomaram parte no Congresso Espírita Internacional: Cel. Euclides Fleury, Dr. Hércio Pires, Senhoras Elisa e Celme Pires, professora Jandyra Moniz Torres, esta última se achava na França em gozo de uma *bolsa de estudos*. Todos são espíritas. Segundo o relatório enviado pelo Cel. Euclides Fleury, a representação do Instituto foi muito bem recebida no Congresso. Houve diversas propostas e discussões, principalmente quando entrou em debate o problema da reencarnação. A delegação do Instituto defendeu a tese reencarnacionista, que encontrou muita resistência da delegação da Holanda. O Instituto ainda se manifestou inteiramente contra o profissionalismo mediúnico, admitido em diversos países europeus e americanos. O assunto foi muito discutido em plenário. Outros assuntos foram igualmente ventilados e debatidos no Congresso Internacional. O futuro Congresso Espírita Internacional, em 1963, deverá reunir-se em Filadélfia, Estados Unidos, de acordo com o que ficou resolvido nas deliberações finais.

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil encerrará as suas atividades do corrente ano, no dia 26 de novembro em obediência ao estatuto, para entrar em férias. Nessa ocasião, o Conselho Deliberativo elegerá a nova diretoria. Um dos professores, escolhido pelos seus colegas, dará a aula de encerramento do ano letivo. O Instituto tem a sua sede no Rio de Janeiro, rua dos Andradas 96—12.º andar.

Em São João da Boa Vista

A União Municipal Espírita, de São João da Boa Vista, promoveu, em 16 de outubro, mais uma Concentração Fraternal no Sítio «Campo Redondo», (Estrada Velha São João Aguai), reunindo os espíritas daquela zona numa festa de expressiva cordialidade.

Louvor a «O Clarim»

Com nossos agradecimentos, publicamos aqui o ofício, de 22 de outubro, do senhor presidente da Câmara Municipal de Araraquara e o ato aprovado pela mesma edilidade de louvor a este jornal, com o que nos sentimos sumamente honrados:

«Senhor Diretor:

Com os meus cordiais cumprimentos, comunico à Vossa Senhoria, que esta edilidade, em sua sessão ordinária realizada a 17 do mês em curso, aprovou o requerimento número 827/60, de autoria do nobre vereador Célio Biller Teixeira e outro, nos termos da cópia inclusa.

Apresento a Vossa Se-

nhoria os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Respeitosas saudações

José Galli

Presidente

«Câmara Municipal de Araraquara

CÓPIA

Requerimento número 827/60

DESPACHO

Aprovado.

Araraquara, 17 de outubro de 1960.

(a) Herminio Pagotto — Presidente substituto

Considerando que já em seu 55.º ano se edita no vizinho Município de Matão, um órgão da imprensa escrita «O Clarim», quinzenário de grande tiragem e circulação pelas principais cidades de nosso Estado;

Considerando que a imprensa escrita exerce importante papel na educação dos povos, sendo os jornais de real importância, mormente para as cidades do interior, quando assuntos locais e reivindicações são exteriorizadas, com resultados até algumas vezes surpreendentes;

Considerando que «O Clarim», «Órgão de Propa-

ganda Espírita — Científico, Filosófico e Noticioso», vem merecendo referências elogiosas, que pelo seu padrão intelectual ou ainda pela feitura prestimosa, cumprindo honestamente sua finalidade;

Considerando que de larga penetração «O Clarim», tendo divulgação também nesta cidade, aparece, ainda como fator de congraçamento entre matonenses e araraquarenses,

REQUEIRO À MESA, satisfeitas as formalidades regimentais, conste em ata um voto de louvor aos diretores de «O Clarim», órgão da imprensa escrita do vizinho progressista Município de Matão, pela feliz iniciativa dotando-se os paulistas de mais um jornal, fator de incremento da fé religiosa e de divulgação de princípios científicos e filosóficos, tudo para o maior engrandecimento de nossa Nação. Dando-se, inclusive, da decisão da Casa conhecimento ao seu ilustre Diretor Sr. A. Watson Campêlo.

Sala de sessões, aos 17 de outubro de 1960.

(aa) Célio Buller Teixeira — Herminio Pagotto — Vereadores.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926 cr.\$ 250,00	Ano de 1945 cr\$. 200,00	Ano de 1953 cr\$. 200,00
» » 1928 » 250,00	» » 1946 » 200,00	» » 1954 » 200,00
» » 1929 » 250,00	» » 1947 » 200,00	» » 1955 » 200,00
» » 1930 » 250,00	» » 1948 » 200,00	» » 1956 » 200,00
» » 1937 » 250,00	» » 1949 » 200,00	» » 1957 » 200,00
» » 1942 » 250,00	» » 1950 » 200,00	» » 1958 » 200,00
» » 1943 » 200,00	» » 1951 » 200,00	» » 1959 » 200,00
» » 1944 » 200,00	» » 1952 » 200,00	

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tórulo do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scnâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Es-
píritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel; uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo grande, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.\$ 160,00 e mais Cr.\$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

É um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.\$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

É uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos seres superiores.

É um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.\$ 30,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

